

COMUNICAÇÃO, TELEVISÃO E AS REPRESENTAÇÕES
DO COTIDIANO DO CAMPONES

por

JOEDNA CESÁLIA DA SILVA

Florianópolis, 1982.

Trabalho final da disciplina
na Projetos Experimentais -
JED 1401 - do Curso de Co-
municação Social/Hab. em
Jornalismo da UFSC. Profes-
sora Orientadora Maria Ele-
na Hermosilla D. Saraiva.

Pesquisa sobre as representações do cotidiano (trabalho, associativismo, assistência técnica, etc.) entre pequenos e médios produtores do município de Biguaçu. Os processos de comunicação na comunidade. A percepção dos Meios de Comunicação de Massa, da televisão e dos programas Globo Rural e Campo e Lavoura.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	01
2. CAPÍTULO I- DADOS OBJETIVOS	04
2.1. Sociedades Camponesas	04
2.2. Município de Biguaçu	05
2.3. Biguaçu Rural	06
2.4. As Duas Comunidades	08
2.4.1. Fazenda de Fora	08
2.4.2. Sorocaba de Dentro	08
2.5. A População Pesquisada	09
3. CAPÍTULO II - AS REPRESENTAÇÕES DO COTIDIANO	12
3.1. Descrição da Casa	12
3.2. O Trabalho	13
3.2.1. A Percepção do Cotidiano do Camponês	13
3.2.2. A Divisão do Trabalho na Família	17
3.2.3. Aprendizado do Trabalho e a Assistência Técnica	19
3.2.4. Cidade/Campo	24
3.2.5. O Futuro da Família	28
3.3. A Comunidade e o Associativismo	31
3.3.1. As Reuniões	31
3.3.2. A Igreja	33
3.3.3. A Cooperativa	34
3.3.4. O Sindicato	36
3.3.5. Os Problemas da Comunidade	39
4. CAPÍTULO III - A COMUNICAÇÃO	46
4.1. A Comunicação nas Comunidades	46
4.2. Os Meios de Comunicação de Massa	48
4.2.1. Meios Escritos	48
4.2.2. Rádio	49
4.2.3. Televisão	51
4.3. A Televisão	54
4.3.1. Assistência Diferenciada	54
4.3.2. Programas Jornalísticos	60
4.3.3. Novelas	61
4.3.4. Filmes	66
4.3.5. Programas de Auditório	68
4.3.6. Propagandas	70
4.4. Os Programas Destinados ao Homem do Campo	72
4.4.1. Descrição dos Programas	72

4.4.1.1. O Programa Campo e Lavoura	72
4.4.1.2. O Programa Globo Rural	73
4.4.2. A Percepção dos Programas	74
5. CONCLUSÕES	79
6. BIBLIOGRAFIA	81

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem o objetivo de: a) Investigar a percepção que eles têm dos programas de televisão dirigidos ao homem do campo (Globo Rural e Campo e Lavoura); b) Investigar a percepção que eles têm dos meios de comunicação em geral; c) Investigar a percepção que eles têm de si próprios, do seu trabalho e do seu cotidiano; d) Investigar a base material em que se sustentam todas essas percepções. Ou seja, como eles organizam a produção, a comercialização, as suas práticas agrícolas, enfim, a realidade de trabalho e da produção das famílias pesquisadas, de acordo com o expresso no discurso dos atores sociais.

O objetivo inicial da pesquisa era: Analisar os efeitos dos programas Globo Rural e Campo e Lavoura, bem como das propagandas, junto a pequenos e médios produtores de Biguaçu. Mas, o fator tempo não permitiria esse tipo de pesquisa mais rigorosa que exigia um procedimento básico: isolar a ação dos referidos programas de todos os outros elementos que agem no cotidiano de um camponês, quais sejam, a cooperativa, as agroindústrias, a ACARESC. Para isso, se teria que trabalhar com dois grupos distintos, ou seja, um que estivesse em contato com a televisão e outro afastado desse tipo de contato. Então, o objetivo inicial sofreu alterações.

A metodologia empregada constitui-se de entrevistas diretas e observação. A variável escolhida foi o tamanho das propriedades, pequenas e médias, de acordo com as características do município de Biguaçu e de Santa Catarina em geral. O universo estudado constitui-se de 10 famílias possuidoras de aparelho de televisão. A pesquisa foi realizada nos meses de agosto a novembro do ano de 1982.

A escolha da população não foi aleatória. O município de Biguaçu, segundo o Recenseamento de 1950, contava com 78,9% da população no quadro rural, sendo esta percentagem das mais elevadas do Estado, superando a média da população rural de Santa Catarina, que era de ... 76,4%. Atualmente, de acordo com dados do Recenseamento de 1980, Biguaçu tem 55,5% da população no meio rural. Como se vê, a população rural diminuiu consideravelmente, mas está acima do percentual do Estado, que é de 40,62%. Um outro fato que desperta interesse é ter encontrado em pequenas comunidades do interior do município de Biguaçu famílias com características fundamentais que as definem como sendo camponesas. Isto, apesar de Biguaçu estar apenas a 17 km de Florianópolis.

Diz Henri Mendras em seu livro "Sociedades Camponesas": A

economia camponesa funciona essencialmente para responder às necessidades da família e, de forma mais abrangente, as da coletividade local' (...). Somente um incentivo externo pode conduzir à produção de mais do que o sistema de produção tradicional fornece, ou a juntar a esse sistema tal ou qual produção suplementar exigida pelo poder envolvente. Dessa forma, pode este agir, por um lado para estimular a intensificação do sistema tradicional, por outro, suscitar a introdução de novas técnicas e produtos.

De acordo com o mencionado autor, a primeira medida tomada por esse poder envolvente foi o aumento dos impostos. Dessa forma, os camponeses teriam que trabalhar mais - produzindo uma quantidade maior do que normalmente produziam e introduzindo novos cultivos - para conseguirem pagar os impostos. E essa foi uma prática das autoridades coloniais do Terceiro Mundo.

Mas essa não foi a única medida. A sociedade envolvente recorreu a outros meios, os mais variados, para conseguir dos camponeses esse tributo. Por um lado, de forma indireta, o governo, através de programas especiais que se concretizam em entidades organizadas, como representante e defensor do sistema capitalista como um todo. É dessa forma que se verifica o trabalho de assistência técnica e extensão rural promovido pela ACARESC aqui no Estado. A estrutura de comunicação montada por essa entidade vai desde o contato direto com os camponeses por meio de agrônomos e extensionistas (técnicos e sociais), até programa de televisão - Campo e Lavoura. A nível nacional também contribui nesse sentido o programa de televisão Globo Rural.

Por outro lado, as próprias indústrias, de forma direta, introduzem-se nos campos para arrancar dali as suas matérias-primas, através de um sistema de integração que situa os camponeses dentro de uma produção exclusivamente voltada para o fornecimento de matéria-prima para uma indústria. São as agroindústrias que na região de Biguaçu atuam em número de três: a Souza Cruz, a Usati e a Granja Suelly.

A população atual do estado de Santa Catarina é de 3627.933 habitantes. Destes, 2.154.238 estão localizados no meio rural, ou seja, 40,62% da população total do Estado. Um percentual que vem diminuindo a cada ano, mas que ainda coloca o Estado como o 5º prod. de alimentos do Brasil. Portanto, a presença de programas de extensão rural, de televisão e agroindústrias num estado como Santa Catarina não é casual e se constitui numa preocupação mais acentuada.

CAPITULO I

DADOS OBJETIVOS

2.1 - Sociedades Camponesas

Em seu livro "Sociedades Camponesas", Henri Mendras define o tipo ideal de sociedade camponesa pelos cinco traços seguintes:

- 1 - A autonomia relativa das coletividades camponesas frente a uma sociedade envolvente que as domina mas tolera as suas originalidades.
- 2 - A importância estrutural do grupo doméstico na organização da vida econômica e da vida social da coletividade.
- 3 - Um sistema econômico de autarcia relativa, que não distingue consumo e produção e que tem relações com a economia envolvente .
- 4 - Uma coletividade local caracterizada por relações internas de interconhecimento e de relações débeis com as coletividades circunvizinhas.
- 5 - A função decisiva do papel de mediação dos notáveis entre as coletividades camponesas e a sociedade envolvente.

A autora se utilizou deste trabalho para definir as famílias pesquisadas que, aproximando-se do tipo ideal, caracterizam-se como camponesas principalmente por três traços fundamentais e que foram identificados como presença marcante:

- 1 - Uma economia baseada no grupo familiar, ou seja, a própria família trabalha a terra.
- 2 - Uma produção voltada para o consumo familiar com algum produto voltado para o mercado.
- 3 - O vínculo da família com um pedaço de terra, seja proprietário, arrendatário ou posseiro.

2.2. Município de Biguaçu

O município de Biguaçu está localizado a 17 km de Florianópolis, limitando-se ao sul com o município de São José, ao norte com os municípios de Canelinha e Tijucas, ao leste com o município de Governador Celso Ramos e o Oceano Atlântico, e ao oeste com o município de Antônio Carlos. A cidade de Biguaçu fica à margem direita do rio Biguaçu, o maior rio do município com 46.600 metros de extensão, navegável e que deságua na baía norte da Ilha de Santa Catarina.

A área do município é de 326 km². A população é de 21.434 habitantes, sendo que 11.800 encontram-se na zona rural e 9.634 na zona urbana.

As atividades econômicas do município estão divididas em três grandes áreas: agricultura (arroz, mandioca, milho, cana-de-açúcar, banana, fumo, olericultura e café); pecuária (bovinos e aves para corte, produção de ovos e leite); indústrias de transformação (plástico, postes, carrocerias, mosquiteiros e madeira).

O município se comunica com o exterior através dos seguintes meios: rodovias de terra e asfaltada (BR-101) que são servidas pela Empresa de Transportes Coletivos Biguaçu, Agência da Empresa de Correios e Telégrafos, Serviço de Telefonia (TELESC), Rádios (AM e FM), Televisão (Catarinense, Eldorado, Cultura e Barriga Verde) e Jornais (do estado e dos grandes centros do País).

2.3. Biguaçu Rural

Cerca de 1.300 famílias vivem hoje no meio rural, mas apenas 600 se dedicam à agricultura, ou seja, de um total de 21.434 habitantes (população do município), 55,05% estão no meio rural e apenas 25,41% trabalham na agricultura. Essas 1.300 famílias estão distribuídas entre 18 comunidades espalhadas pelo interior do município de Biguaçu.

Os principais produtos agrícolas são: arroz, mandioca, milho, banana, fumo, olericultura, cana-de-açúcar e café, sendo que o arroz é uma das produções que envolve um maior número de famílias e movimenta uma estrutura de comercialização - a cooperativa. A pecuária também é uma atividade bastante difundida entre as famílias, caracterizando-se pela criação de bovinos e aves para corte e produção de ovos e leite.

O produtor rural conta com três entidades organizadas para atender os interesses políticos e comerciais da categoria. O Sindicato dos Trabalhadores Rurais, que atende os pequenos e médios proprietários, posseiros, arrendatários, meeiros e empregados diaristas; presta serviços de assistência médica e odontológica, fornece bolsas de estudo a partir do ginásio, e tem hoje 1.369 sindicalizados. O Sindicato Rural, representante dos grandes produtores que são empregadores e tem cerca de 153 sindicalizados. A Cooperativa Litorânea Ltda, que comercializa a produção de arroz, café, farinha de mandioca, milho e feijão da região (Biguaçu, Antônio Carlos, Palhoça, Santo Amaro da Imperatriz, Angelina, Governador Celso Ramos, Tijucas, São José, Anitápolis, São Bonifácio, Rancho Queimado, Portobelo, Itapema e Imaruá), além de prestar os serviços de venda de insumos e supermercados e tem hoje cerca de 85 produtores rurais associados no município de Biguaçu.

A produção rural de Biguaçu é comercializada num mercado bem determinado: o café e uma parte do arroz, da farinha de mandioca e do milho são vendidos para a Cooperativa Litorânea Ltda; a outra parte do arroz é vendida para o Engenho de Arroz Martins Silva Cia. Ltda; os legumes, a outra parte da farinha de mandioca, do milho e a banana para os feirantes; o fumo para a Souza Cruz; as aves para a Granja Suely; e a cana-de-açúcar para a Usati S.A.

A assistência técnica é prestada por diversos órgãos, cada um responsável por sua área: a ACARESC é encarregada da agropecuária, a ACARESC da pesca (estes dois órgãos também desenvolvem trabalhos de assistência social), a CODESA da veterinária, a CIDASC e o INCRA da cooperativa, a Souza Cruz da fumicultura, a Granja Suely da avicultura e a USATI

da produção de cana-de-açúcar. Esses três últimos órgãos são empresas privadas (agroindústrias) que prestam assistência técnica exclusiva aos produtores que trabalham integrados a elas.

O sistema de eletrificação rural em algumas comunidades menores foi construído pela ERUSC e é alimentado pela CELESC através da Cooperativa de Eletrificação Rural de Núcleo Colonial Senador Esteves Júnior Ltda, encarregando assim a energia elétrica para os consumidores. Em outras comunidades maiores, como por exemplo Sorocaba de Dentro, o sistema de eletrificação foi construído e é alimentado diretamente pela CELESC.

Conforme cadastro do INCRA, a estrutura agrária do município apresenta-se da seguinte forma:

HECTARES	Nº DE PROPRIEDADES	%
0 a 10	347	47,5
10 a 20	186	25,5
20 a 50	134	18,3
50 a 100	51	7,0
100 a 200	08	1,0
200 a 500	02	0,3
+ de 500	03	0,4

A área média por propriedade é de 28,5 hec.

2.4. As Duas Comunidades

2.4.1. - Fazenda de Fora

A comunidade fica a 14 km da cidade de Biguaçu. Mas parece que está muito mais distante tão grande é a mudança que se verifica na paisagem e no meio de vida dos moradores.

As casas estão dispostas ao longo de uma estrada sinuosa de terra, distantes umas das outras cerca de 200 metros, algumas até mais. E todos que passam na estrada podem ver as casas fechadas e as famílias ao longe, trabalhando na roça. Há ainda uma pequena escola primária, uma vendinha e um salão de baile, "onde de tempo em tempo fazem algum baile".

A comunidade produz principalmente arroz, mandioca, gado e galinha. Algumas famílias têm horta caseira, plantam feijão e milho, fazem queijo, mas em pequenas quantidades, basicamente para o próprio consumo, vendendo o excedente.

2.4.2. - Sorocaba de Dentro

A comunidade está distante do centro de Biguaçu cerca de 25 km. E, tal como se verifica na comunidade anterior, a paisagem e o modo de vida dos seus moradores é completamente diverso da cidade.

Essa comunidade é bem maior que a anterior. Possui um Grupo Escolar (1º Grau completo), uma Igreja Católica, uma Igreja Presbiteriana, um salão de baile, seis vendinhas, um campo de futebol, um açougue e três canchas de bocha. Uma parte da comunidade está aglomerada num pequeno centro. A outra parte, na qual foi feita a pesquisa, está dispersa, cerca de 300 metros separam uma casa da outra, às vezes a distância aumenta para até 800 metros.

A produção da comunidade está baseada principalmente na cultura do fumo, da banana e do gado. Mas também se produz milho, feijão, produtos da horta e se faz queijo, porém, em pequena quantidade, para o consumo familiar com a venda do excedente.

2.5 - A População Pesquisada

A população pesquisada constitui-se de dez famílias divididas igualmente entre as duas comunidades - Fazenda de Fora e Sorocaba de Dentro.

A composição familiar varia de duas a dez pessoas, sendo que seis famílias estão na faixa de quatro ou cinco pessoas.

Destas dez famílias, sete possuem propriedades de menos de cinquenta hectares, duas de setenta hectares e uma de cem hectares.

Apenas uma família possui aparelho de televisão a cores há seis anos, já tendo possuído, porém, televisor preto e branco durante nove anos.

As demais famílias possuem aparelho de televisão preto e branco, com o tempo variando entre três e oito anos. Todas as famílias têm aparelho de rádio. Cinco produtores nunca lêem jornais ou revistas e nem recebem qualquer publicação, três recebem publicações especializadas da Souza Cruz mas não lêem e dois lêem jornais, revistas e publicações especializadas.

A produção está assim dividida: na comunidade de Fazenda de Fora quatro produtores têm como principal atividade a cultura do arroz; destes, dois são avicultores integrados à Granja Suely; o quinto produtor (que possui cem hectares de terra) se dedica exclusivamente à criação de gado. Na comunidade de Sorocaba de Dentro a produção é mais diversificada e todos os cinco produtores cultivam feijão, mandioca e banana; destes, quatro são fumicultores integrados à Souza Cruz, três plantam, além do fumo, o arroz e um é ainda criador de gado; o quinto produtor é o que possui a produção mais diversificada: arroz, feijão, milho, mandioca, abóbora e repólho. Todas as dez famílias possuem animais que lhes fornecem alimentos para o próprio consumo, ou seja, têm o gado para o fornecimento da carne, do leite e seus derivados; as galinhas para o fornecimento da carne e dos ovos; os porcos para o fornecimento da carne e da banha. Algumas famílias produzem, além do que já foi citado, todos os outros produtos necessários para o consumo familiar, tais como, café, verduras e legumes, sendo quase que completamente autosuficientes, não fosse o sal e o açúcar que as mantêm dependentes da venda ou do supermercado. O hábito de comer verduras e legumes nas refeições não é muito difundido, poucas famílias alimentam-se desses produtos. As mulheres costumam fazer queijo para o consumo familiar, vendendo o excedente. Algumas costuram para fora; destas, uma pode ser considerada comerciante de roupas, tem três máquinas de costura industriais e revende roupas prontas trazidas de São Paulo.

O principal instrumento de trabalho é o trator Tobatta, um veículo de pequeno porte e com acessórios para diversas finalidades.

Sete produtores possuem o seu próprio Tobatta e dois alugam nas épocas de preparação do solo e da colheita. Instrumentos rústicos, como o ara do puxado por bois ou por cavalos e plantadeiras manuais, também são usados.

Todos utilizam adubos químicos na plantação, alguns também usam adubo orgânico (estrume de galinha).

No caso dos fumicultores, os insumos (adubos, herbicidas) são fornecidos pela Souza Cruz a preços baixos, podendo ainda serem usados em outras culturas. Os avicultores recebem a ração, as vacinas e os equipamentos a preços baixos da Granja Suely.

A assistência técnica é dada por três organismos:

a ACARESC, que atende oito dos dez produtores; a Souza Cruz, que atende os fumicultores; a Granja Suely, que atende os avicultores.

O Programa de Crédito Rural, do Banco do Brasil, já atingiu nove produtores e seis ainda estão pagando. Quatro produtores estão ligados ao Provárzeas Nacional, Programa Nacional de Aproveitamento Racional de Várzeas Irrigáveis, do Ministério da Agricultura.

Em seis propriedades a mão-de-obra utilizada é da própria família. Além da mão-de-obra familiar, em duas propriedades há empregados permanentes em regime de diaristas, e nas outras duas há empregados ocasionais, geralmente na época do plantio e da colheita.

Cinco produtores são sócios da Cooperativa Litorânea Ltda e cinco nunca se associaram. Cinco são sindicalizados, dois nunca foram e três já foram mas desistiram, deixaram de pagar a contribuição sindical, e de participar das reuniões.

A comercialização dos produtos está dividida entre quatro mercados: as agroindústrias (Granja Suely e Souza Cruz) que absorvem as galinhas e o fumo, a Cooperativa que compra uma parte do arroz, os feirantes que ficam com as pequenas produções (feijão, milho, queijo, farinha de mandioca, banana, produtos da horta), e o engenho de arroz. Seis produtores vendem o arroz para o Engenho Martins Silva Ltda e dois para a Cooperativa Litorânea Ltda.

Daqui para a frente o universo referido será o das dez famílias, cinco de Fazenda de Fora e cinco de Sorocaba de Dentro.

CAPÍTULO II

AS REPRESENTAÇÕES DO COTIDIANO

3.1 - DESCRIÇÃO DA CASA

As casas das duas comunidades são todas de madeira, a maioria sem pintura, velhas e possuem de cinco a sete compartimentos. O interior das casas é caracterizado geralmente pela limpeza e simplicidade, sendo que quase todas são forradas, enfeitadas com quadros, vasos, toalhas e tapetes. Algumas ainda possuem fogão à lenha. Poucas casas possuem um banheiro de material completo. Algumas têm apenas um banheiro afastado, numa pequena peça de madeira, que eles chamam de "casinha".

A maior parte das casas têm horta e árvores frutíferas e uma parte delas têm jardim com folhagens e flores. Quase todas são cercadas com sarraços ou vigas de madeira e poucas possuem calçadas em volta.

Todas as casas possuem aparelho de televisão e rádio. A televisão está localizada na cozinha, em frente a mesa de refeições, ou na sala, onde muitas vezes pode ser vista da cozinha; poucas televisões possuem mesa própria, sendo seus habituais lugares o guarda-louças ou o balcão; raramente são enfeitadas com toalhinhas ou vasos. O rádio está normalmente na cozinha sobre o armário ou, algumas vezes, sobre a televisão.

Os outros eletrodomésticos, comuns a quase todas as casas, são: geladeira, fogão, liquidificador, ferro de passar roupa, ventilador e máquina de costura. Poucas casas possuem batadeira, enceradeira ou máquina de lavar roupa. As condições de compra dos eletrodomésticos são, na maioria das vezes, à vista e, alguns deles, são presentes de casamento, de aniversário ou de datas especiais.

3.2 - O Trabalho

3.2.1 - A Percepção do Cotidiano do Camponês

O homem da roça vive assim: de manhã cedo, às 5 horas, ele já está de pé; enquanto a água ferve para o café, ele aproveita este tempinho para tirar o leite da vaca; depois toma seu café com pão, queijo e doce feitos pela mulher no dia anterior; vai para a roça onde trabalha sob o sol quente, no barro, no pântano ou na água. A mulher ficou em casa dando café para os filhos, lavando a louça, arrumando a casa; depois ela irá tratar das galinhas, lavar a roupa e preparar o almoço. Isso quando não vai com o marido para a roça e ainda volta para fazer o almoço. Às 11:30hs ele volta da roça e, nesse intervalo, até a hora de almoçar, aproveita para pregar umas tábuas no galinheiro, arrumar o trator que estragou ou a enxada que quebrou o cabo. À tarde ele volta para a roça e a mulher continua no seu trabalho doméstico e nas outras tarefas, tais como, tratar do gado, das galinhas, dos porcos... À noite, depois do jantar, a família se reúne na frente da televisão e, antes das 22:00hs, já estão se recolhendo para os quartos.

Daí a definição que o homem da roça tem de sua vida, de seu trabalho e de si mesmo. Para ele a vida é dura, difícil e o trabalho pesado. Foi sempre assim, desde pequeno. Será sempre assim, todos têm que trabalhar.

"A vida da gente é dura, tem que trabalhar. Eu gosto porque fui criado desde pequeno no trabalho, se a gente parar fica chato, né?"

(médio produtor de Fazenda de Fora)

"Eu acho que é uma vida dura, mas a gente está acostumada e tem que enfrentar, né?"

(esposa de pequeno produtor de Fazenda de Fora)

"É uma vida pesada, sacrificada, mas tem que enfrentar, né?"

(pequeno produtor de Fazenda de Fora)

Do contrário, serão chamados de "mandriões" como os da cidade, que trabalham só quando a fome aperta e depois ficam parados, ou como os da roça, que não querem mais trabalhar e vão embora para a cidade.

"Está ruim para o "mandrião" que não quer trabalhar; dizem que o Figueiredo apronta, mas quem não quer trabalhar é o "mandrião". Quando a fome aperta eles vão trabalhar para depois ficar o resto do tempo pa

nado."

(médio produtor de Fazenda de Fora)

"Eles vão para a cidade porque não querem mais trabalhar na roça, vão para lá sem profissão, sem nada."

(médio produtor de Fazenda de Fora)

Poucos conseguem compreender porque um camponês parte para a cidade. Para eles os que não têm terra podem trabalhar na terra dos outros.

"Não são todos que têm terra, mas podem trabalhar na terra dos outros, porque quem tem dá para quem não tem. Não querem trabalhar por vadiagem."

(médio produtor de Sorocaba de Dentro)

"A terra tá sobrando, não trabalham porque não querem, são "mandrião"."

(médio produtor de Sorocaba de Dentro)

Por isso, seus filhos serão criados na roça, não podem ser criados na cidade, lá eles se criarão "mandriões".

"Eu já tive vontade de sair daqui e botar um mercado mas agora não penso mais; os filhos têm que ser criados e lá eles se criam "mandrião"."

(esposa de médio produtor de Fazenda de Fora)

Apesar do trabalho ser pesado e difícil, é desta vida que o homem da roça gosta, sossegado no seu cantinho, com liberdade de trabalhar quando quiser e como quiser, sem patrão, sem horário determinado e se satisfaz com o pequeno lucro que tem, ou seja, de acordo com alguns depoimentos, o suficiente para "encher a barriga".

"O trabalho é um pouco difícil em certas épocas, mas eu acho uma vida boa. Nós vivemos trabalhando sempre, mas sossegado aqui no nosso canto."

(esposa de pequeno produtor de Fazenda de Fora)

"É uma vida boa a vida da roça, a gente faz o que quer. Mas nunca tem descanso, sempre trabalhando em casa ou na roça."

(esposa de pequeno produtor de Fazenda de Fora)

"Eu acho que é uma vida dura. É bom porque a gente se governa, está à vontade, mas o serviço é que é pesado."

(pequeno produtor de Fazenda de Fora)

"A vida da roça é boa, só que é pesada. Não tem des canso, a gente tem que trabalhar toda vida. O dia que a gente quer descansar descansa, a gente é do na de si, faz o que quer, mas é trabalho todo dia."
(esposa de médio produtor de Sorocaba de Dentro)

"É dura, mas vale a pena. O lado bom é o lucro que a gente tem, pelo menos se come de encher a barriga. O nosso serviço é a gente que se manda."
(pequeno produtor de Fazenda de Fora)

"É a vida melhor que existe para mim. Tendo ferramen-
tas, a terra e a barriga cheia é uma maravilha. Não me sobra muito, mas também não sobra para ninguém."
(médio produtor de Sorocaba de Dentro)

Mas é esse o seu destino - o trabalho duro e a vida difí-
cil - , uma vez que não tem estudo, não tem escolha, a cidade é inviã-
vêl.

"Eu acho que trabalha na roça gente que não tem es
tudo."
(médio produtor de Fazenda de Fora)

"Quem não estuda tem que ir com os pés no pântano,
nê?"
(esposa de pequeno produtor de Fazenda de Fora)

"Eu acho que no campo há mais facilidade para quem
quer trabalhar e não tem estudo. Porque quem não tem
estudo, na cidade não tem chance."
(pequeno produtor de Fazenda de Fora)

Porém, os filhos terão uma alternativa, já que eles (os
pais) não puderam ter ou fizeram essa escolha.

"Gosto da vida, me acostumei nisso. Nunca quis es
tudar, meus irmãos estudam. Cada um tem seu gosto.
O trabalho é duro, tem que perder noite, não tem ho-
ra de sair, de trabalhar. Gostaria que elas (as
filhas) estudassem..."
(médio produtor de Sorocaba de Dentro)

"Eu pensava em dar os estudos para eles (os filhos)
porque os meus pais não puderam me dar... eu queria
ver se tirava eles da roça, mas o mais velho não

quer. Eu tiro uma base pelos irmãos de meu marido , que ganham bastante e trabalham na moleza, na cidade."

(esposa de pequeno produtor de Fazenda de Fora)

Os filhos terão estudo para terem uma vida mais fácil e satisfatória. Mas, se quiserem voltar depois do estudo serão bem recebidos, porque daí sim "saberão" trabalhar mais.

"...vou pagar os estudos para eles, mas gostaria que depois dos estudos voltassem para a roça; daí mesmo que iam trabalhar mais, iriam saber trabalhar mais."

(médio produtor de Sorocaba de Dentro)

O homem da roça sabe da importância da agricultura para o resto da economia, mas sabe também que é desprezado, mal pago e explorado pelos da cidade.

"A lavoura é o serviço mais notado e é o menos pago. Deveria ser o mais bem pago, pois tudo vem da terra..."

(médio produtor de Sorocaba de Dentro)

"Eu acho que os homens do campo são os mais desprezados e trabalham para os outros."

(pequeno produtor de Fazenda de Fora)

Ele gostaria mesmo se pudesse dar terra para todos os filhos, para que ficassem na roça, continuando o trabalho de sua gente, assegurando um espaço que é deles.

"Eu penso em dar estudo para as minhas filhas, pelo menos até o ginásio. Depois quero que elas fiquem aqui ajudando a gente. A gente tem que conservar a tradição, como diz o gaúcho, se correr todo mundo, como é que fica, né?"

(pequeno produtor de Fazenda de Fora)

"Se eu pudesse comprar um terreno para cada um e eles ficarem aqui seria bom, porque serviço igual a lavoura não tem, serviço liberto, a gente é que faz a hora. Como eu não posso fazer isso, vou pagar os estudos para eles."

(médio produtor de Sorocaba de Dentro)

Como se torna cada vez mais difícil assegurar esse espaço.

pois a pressão que a sociedade envolvente exerce sobre a comunidade local é tão firme e intensa, talvez os filhos não consigam resistir por muito tempo.

Eles, os pais, resistiram, pagaram os tributos que a sociedade envolvente lhes cobrou e não tiveram que se empregar na cidade como operários. E já que os filhos provavelmente terão que ir, então, que partam "armados" de estudos para terem êxito e não serem explorados.

Analisando alguns depoimentos anteriores podemos notar uma contradição que não prova a incoerência do homem da roça, mas explica a sua situação, a sua vida que se move num espaço muito restrito, que é o espaço de resistência da comunidade local frente a dominação da sociedade envolvente.

"A vida da roça é boa, só que é pesada. Não tem descanso, a gente tem que trabalhar toda vida. O dia que a gente quer descansar, a gente é dona de si, faz o que quer, mas é trabalho todo dia."

(esposa de médio produtor de Sorocaba de Dentro)

A contradição é clara: o camponês tem que trabalhar sempre, seja na roça ou em casa, não tem descanso; se parar de trabalhar é "mandrião". Mas, por outro lado, ele tem liberdade para trabalhar quando quiser.

A sociedade envolvente impõe sobre a sociedade camponesa um ritmo de trabalho que não permite muita folga; é preciso pagar à sociedade envolvente os tributos que esta cobra: uma boa parte da produção, os impostos, as taxas.

Para negar a sutil dominação, ele, o homem da roça, se defende dizendo que é livre, trabalha quando quer e como quer, não tem patrão como os da cidade, que têm que trabalhar em períodos determinados. Mas os da cidade também são vistos como "mandriões", trabalham na moleza.

O homem da roça não pode entrar nesse ritmo, ele tem que preservar a tradição camponesa e isso só é possível pagando os tributos. Ele mascara essa situação, utilizando-se de um mecanismo ideológico, ou seja, o homem da cidade é "mandrião" e "preso", e o homem da roça, em contrapartida, é "trabalhador" e "livre".

3.2.2 - A Divisão do Trabalho na Família

A primeira vista, a divisão do trabalho na família não aparece muito nítida. Na família todos fazem tudo, ou seja, qualquer um pode fazer qualquer tipo de trabalho, não havendo especialização; as funções são intercambiáveis e as tarefas transferíveis.

Porém, os homens tem uma função mais definida e restrita: o trabalho na roça ou no campo, e aí se incluem várias tarefas, tais como, arar, adubar, abrir valas, fazer cercas, plantar e colher.

"Meu trabalho é só no campo, em casa eu não faço nada."

(médio produtor de Fazenda de Fora)

"Tratar da criação, tirar leite, botar remédio no pasto, fazer valas e cercas; o trabalho da roça."

(médio produtor de Sorocaba de Dentro)

Já as mulheres têm uma função mais abrangente. Porém, existem tarefas que são específicas como, por exemplo, o serviço da cozinha. Elas podem fazer desde o serviço doméstico até o próprio trabalho da roça. O tratamento da criação (gado, galinhas e porcos) é perfeitamente assumido tanto por homens como por mulheres. Muitas ainda costumam e fazem queijo para fora.

"O serviço da casa, trato da criação, tiro leite e, quando sobra um tempinho, gosto de ir para a roça."

(esposa de pequeno produtor de Fazenda de Fora)

"Arrumo a casa, cuido da granja, faço o almoço, passo o veneno no gado, costuro para casa, lavo a roupa e passo e ajudo na roça."

(esposa de médio produtor de Fazenda de Fora)

"Lavo a roupa, faço a comida, limpo a casa, tiro leite, trato da criação, costuro, faço queijo e doces para fora e trabalho muito na época do fumo."

(esposa de médio produtor de Sorocaba de Dentro)

Em geral, o trabalho feminino é bem maior - mais tarefas e maior tempo de serviço. Embora suas funções estejam geralmente ligadas ao trabalho doméstico, há casos isolados que fogem a esta regra. Por exemplo, a comerciante de roupas citadas anteriormente, que apesar de exercer a sua profissão dentro de casa, o seu trabalho lhe permite fugir do cerco familiar quando viaja para São Paulo.

Os filhos, apesar de estarem divididos entre as funções masculinas e femininas, ainda têm uma tarefa específica - o estudo.

Porém, os homens tem uma função mais definida e restrita: o trabalho na roça ou no campo, e aí se incluem várias tarefas, tais como, arar, adubar, abrir valas, fazer cercas, plantar e colher.

"Meu trabalho é só no campo, em casa eu não faço nada."

(médio produtor de Fazenda de Fora)

"Tratar da criação, tirar leite, botar remédio no pasto, fazer valas e cercas; o trabalho da roça."

(médio produtor de Sorocaba de Dentro)

Já as mulheres têm uma função mais abrangente. Porém, existem tarefas que são específicas como, por exemplo, o serviço da cozinha. Elas podem fazer desde o serviço doméstico até o próprio trabalho da roça. O tratamento da criação (gado, galinhas e porcos) é perfeitamente assumido tanto por homens como por mulheres. Muitas ainda costuram e fazem queijo para fora.

"O serviço da casa, trato da criação, tiro leite e, quando sobra um tempinho, gosto de ir para a roça."
(esposa de pequeno produtor de Fazenda de Fora)

"Arrumo a casa, cuido da granja, faço o almoço, passo o veneno no gado, costuro para casa, lavo a roupa e passo e ajudo na roça."
(esposa de médio produtor de Fazenda de Fora)

"Lavo a roupa, faço a comida, limpo a casa, tiro leite, trato da criação, costuro, faço queijo e doces para fora e trabalho muito na época do fumo."
(esposa de médio produtor de Sorocaba de Dentro)

Em geral, o trabalho feminino é bem maior - mais tarefas e maior tempo de serviço. Embora suas funções estejam geralmente ligadas ao trabalho doméstico, há casos isolados que fogem a esta regra. Por exemplo, a comerciante de roupas citada anteriormente, que apesar de exercer a sua profissão dentro de casa, o seu trabalho lhe permite fugir do cerco familiar quando viaja para São Paulo.

Os filhos, apesar de estarem divididos entre as funções masculinas e femininas, ainda têm uma tarefa específica - o estudo.

3.2.3 - Aprendizado do Trabalho e Assistência Técnica

O típico homem "camponês" não é uma pessoa que de repente resolveu trabalhar na roça e foi aprender o ofício. Também não é uma pessoa que já nasceu sabendo. Mas, está próximo do segundo caso, em termos de experiência, que do primeiro.

Desde cedo, a partir do momento em que já pode carregar uma enxada e fazer uma caminhada mais longa ao lado do pai, a "criança camponesa" já começa a conhecer a terra, os instrumentos de trabalho e as sementes. Foi assim que o homem da roça de hoje, já adulto, aprendeu sua profissão e é assim que ensina a seus filhos.

"Faz quarenta e dois anos que trabalho na roça e foi meu pai que me ensinou com instrumentos bem rústicos."
(médio produtor de Sorocaba de Dentro)

"Comecei a trabalhar com meu pai há quarenta e cinco anos, plantávamos milho, arroz e feijão. Com 19 anos comecei a trabalhar sozinho e plantava mandioca e fumo para a Souza Cruz. Depois plantei arroz."
(pequeno produtor de Sorocaba de Dentro)

Como se vê, antes a produção era mais diversificada e exclusivamente voltada para o próprio consumo. Agora, embora a produção seja ainda diversificada (em poucos casos) alguns produtos destinados ao próprio consumo foram substituídos por produtos mais rentáveis, voltados para o mercado.

Essa substituição de alguns produtos por outros mais rentáveis foi acompanhada de uma modernização nos instrumentos de trabalho, nos fertilizantes, nas técnicas de plantio e de uma melhoria na qualidade das sementes.

A modernização, por sua vez, não surgiu de repente no cotidiano do camponês. A economia capitalista vê nas pequenas economias locais, ainda inexploradas, um potencial mercado a ser integrado.

A integração do camponês de Biguaçu ao mercado capitalista se dá por dois polos: consumidor de produtos industrializados e fornecedor de produtos agrícolas. Esta integração foi e ainda é estimulada através de vários meios. Por outro lado, de forma indireta, através de programas especiais, que se concretizam em entidades organizadas, desenvolvidas pelo governo, como representante e defensor da economia capitalista como um todo. Por outro lado, diretamente, através de programas desenvolvidos por empresas privadas interessadas em determinados produtos que são suas matérias primas. Como exemplo do primeiro caso temos a ACARESC, Associação de Crédito Agrícola e Extensão Rural de Santa

Catarina; e, do segundo caso, as agroindústrias: Souza Cruz e Granja Sue-ly.

As agroindústrias visam sempre um aumento da produção e da produtividade através da modernização dos instrumentos, dos fertilizantes, das técnicas de plantio e da melhoria da qualidade das sementes.

"Uma técnica mesmo que eu aprendi foi com o instrutor da Souza Cruz."

(pequeno produtor de Sorocaba de Dentro)

"Antes a gente não botava adubo, usava a enxada. Agora eu uso a capinadeira e a terra precisa ser cuidada, botar remédio e calcário: Nós aprendemos tudo isso pelo fumo e pela nossa idéia..."

(médio produtor de Sorocaba de Dentro)

A ACARESC, apesar de estar atuando somente há vinte e cinco anos, teve significativa participação nesse processo de modernização, que já pode ser sentido por meio de vários depoimentos de camponeses.

"Antes de entrar em contato com a ACARESC eu plantava em terra bruta, sem adubo, sem trator, apenas com a ajuda do cavalo e do boi, e produzia somente setenta sacas de arroz por hectare. Agora, com a ACARESC, houve uma melhora, estou produzindo cento e vinte sacas por hectare, usando adubo."

(pequeno produtor de Fazenda de Fora)

"A ACARESC recomendou calcário, adubo. Valia para cinco anos, quando terminar o prazo vamos usar novamente. Foi bom, gostei."

(médio produtor de Sorocaba de Dentro)

"A ACARESC me ensinou a preparar a terra para o feijão há sete anos."

(médio produtor de Sorocaba de Dentro)

A modernização é introduzida, também, por empresas interessadas somente em vender seus produtos, como é o caso dos revendedores de modernos tratores.

"O Tobatta foi comprado em Barreiros, no revendedor. O dono da firma apareceu fazendo demonstração, eu me agradei e comprei."

(médio produtor de Sorocaba de Dentro)

"Antes trabalhava com cavalo e dava muita mão-de-obra. O Tobatta facilita o serviço".
(médio produtor de Fazenda de Fora).

Mas a aceitação de inovações por parte dos camponeses ^{inovação} é total ou imediata e chega a ser bastante diferenciada. Alguns se colocam ao lado dos agrônomos na realização de novas experiências, são os chamados "inovadores". Estes, então, passam a ser procurados por agrônomos e técnicos sempre que há uma experiência a ser feita, servindo como modelos de influência sobre a comunidade. O relacionamento entre tais produtores e o órgão prestador da assistência técnica se torna muito íntimo.

"A gente é muito bem atendido. Sempre quando eles querem fazer uma experiência vêm aqui. Eu fiz uma experiência e consegui mais sacas de arroz, mas para cortar deu um trabalho danado. Constei para o agrônomo e ele propôs que plantássemos na técnica. Então deu muito mais e ele me emprestou uma ceifadeira e todo mundo começou a plantar desse arroz. Agora só se planta desse tipo de arroz. Eu ganhei um prêmio e até uma medalha para incentivar a gente. Recebi também um certificado como produtor modelo .. 1980, do Ministério da Agricultura".
(médio produtor de Fazenda de Fora).

"Nós e a ACARESC somos como uma família".
(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

Outros, são depois de muita demonstração passam a aceitar as inovações e outros ainda são totalmente resistentes a qualquer mudança ou inovação. Nesses dois últimos casos geralmente há um primeiro contato entre os produtores e o serviço de assistência técnica, que depois, por qualquer falha, seja na parte técnica, humana ou da própria natureza, passa a ser rejeitado e até criticado.

"Para mim não ajuda nada. Nós somos mais agrônomos do que eles. A semeadeira deles não funcionou, a minha manual funciona melhor".
(médio produtor de Sorocaba de Dentro)

"Até veterinário para o gado não temos aqui. Já tivemos, mas era um 'mandrião'".
(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Fizemos uma experimentação... Não deu resultado. Os da ACARESC disseram que a culpa foi do vento, mas nós perdemos serviço".
(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Faz dois meses que fizeram uma reunião para falar sobre hortas..."

(Ele)

"Não voltaram mais, nós preparamos a terra e a moça não voltou mais."

(Ela)

(casal médio produtor de Sorocaba de Dentro)

"O agrônomo mandou botar adubo na cana, eu achei caro e resolvi botar estrume; deu certo."

(médio produtor de Fazenda de Fora)

"A ACARESC disse que era bom, mas eu já tinha aprendido por mim mesmo."

(médio produtor de Sorocaba de Dentro)

A resistência também se manifesta de forma mais sutil, em propriedades que já aceitaram algumas inovações, quando eles admitem que aprenderam alguma coisa, mas que ensinaram aos inovadores o que sabiam melhor do que eles.

"Arroz e feijão aprendi sozinho. Eu já sabia na prática e os da ACARESC na técnica, então, eu aprendi muita coisa com eles e eles também comigo."

(pequeno produtor de Sorocaba de Dentro)

"Às vezes eu tenho ensinado para eles. Certos pontos eles sabem, outros não. Eles estudaram, mas nunca plantaram. É bom, já aprendi muitas coisas."

(médio produtor de Sorocaba de Dentro)

A ACARESC também abrange programas de financiamento do Banco do Brasil: o Programa de Crédito Rural e o Provárzeas Nacional. Muitos produtores reclamam dos juros do Programa de Crédito Rural, das medidas burocráticas que ele envolve e da obrigatoriedade em se recorrer a ele para poderem continuar plantando.

"Sempre estou fazendo o Crédito Rural, no momento que a gente necessita é importante. O bom seria se a gente não precisasse, mas a gente é obrigado a recorrer ao banco..."

(pequeno produtor de Sorocaba de Dentro)

"Dã muito trabalho, dão pouco dinheiro e em parcelas, muita burocracia. Mas vale a pena, sou obrigado."

(pequeno produtor de Fazenda de Fora)

"Já fiz Crédito Rural. Agora não dá mais, o juro está muito alto e a lavoura baixa."

(médio produtor de Sorocaba de Dentro)

E é somente através desses programas que muitos produtores são atendidos pelo serviço de assistência técnica da ACARESC.

"Se eu tenho dinheiro para comprar o adubo e os equipamentos eles não aparecem. São quando eu faço financiamento, daí a ACARESC tem uma percentagem em cima" (médio produtor de Sorocaba de Dentro)

"São quando plantamos o arroz, pois eles vêm ver se o dinheiro retirado do banco foi aplicado." (pequeno produtor de Fazenda de Fora)

"Eles vêm, mas se fizermos empréstimos." (médio produtor de Sorocaba de Dentro)

O primeiro contato entre produtores e a ACARESC muitas vezes se dá em reuniões promovidas por agrônomos e técnicos desse órgão nas escolinhas da comunidade. Nessas reuniões são prestadas informações a cerca dos dois programas de financiamento e da lavoura em geral.

"Participo da reunião da ACARESC na Escola, duas ou três vezes por ano. Esse ano teve uma em maio sobre a plantação. Participam uns 20 ou 30 produtores. São boas as reuniões. Se eu quero fazer uma plantação de banana, por exemplo, eu tenho que saber o adubo e o remédio que tenho que usar. Na reunião, os interessados em plantar alguma coisa deixam o nome com o agrônomo da ACARESC e depois ele vai na casa dos interessados explicar tudo direitinho." (médio produtor de Sorocaba de Dentro)

"Participo da reunião organizada pela ACARESC duas vezes por ano. Conversamos sobre a lavoura, os financiamentos do banco, o custeio da produção..." (pequeno produtor de Fazenda de Fora)

A assistência técnica representa para alguns camponeses a possibilidade de aumentar e melhorar a produção, assegurando assim o ganho necessário para sua permanência na roça.

"Se eu procurar eles vêm. Depende mais de mim do que deles. O importante é crescer, é ter mais instrução, não é

ficar estagnado, parado. A gente quer ir em frente."

(pequeno produtor de Sorocaba de Dentro)

Por outro lado, esses serviços de assistência técnica, como qualquer coisa vinda de fora da comunidade, despertam sempre uma certa desconfiança por parte dos camponeses.

"Eles (da Souza Cruz) dão instrução de como fazer a classificação e a gente faz como eles ensinam. Quando chega na companhia essa classificação nunca é correta, eles sempre fazem uma correção da classificação e dizem que tem que ter uma técnica de classificar. Não sei se é por falta de conhecimento da gente..."

(pequeno produtor de Sorocaba de Dentro)

"Eles (do crédito rural) falaram que essa semana ia ter dinheiro para retirar. Mas eu não tenho certeza, pois não fui retirar ainda. A papelada já está pronta."

(pequeno produtor de Sorocaba de Dentro)

3.2.4 - Cidade/Campo

Dizer que o camponês de Biguaçu tem vontade de sair de lá para viver na cidade é cometer um grande equívoco. Ele quer mesmo é ficar lá no seu cantinho, cuidando da plantação e da criação, trabalhando no "pesado" e no "sujo", como ele mesmo define seu trabalho; prefere isso a ter que morar na cidade, onde o trabalho é "leve" e "limpo".

"O trabalho aqui é mais pesado. O trabalho deles lá é mais leve... Para mim é ficar aqui mesmo."
(esposa de médio produtor de Sorocaba de Dentro)

"O da cidade tem uma vida melhor, mais limpa. Aqui no sítio é uma vida mais suja."
(esposa de médio produtor de Sorocaba de Dentro)

Mas essa "preferência" é muito bem explicada em termos de compensação que, na verdade, funciona como um mecanismo ideológico de defesa do modo de vida da roça frente a um modo de vida exterior e dominador. Se na roça é mais "pesado" e "sujo", é também, ao contrário da cidade, mais "calmo", tem-se "liberdade" no trabalho, "autonomia" e não

existe o problema de ter que comprar tudo e correr o risco de ainda comprar estragado. Lembre-se que neste mesmo capítulo o homem da cidade (o "não camponês") era caracterizado como "mandrião", enquanto o homem da roça era tido como "trabalhador".

"A vida na cidade é mais agitada. Na roça a pessoa vai trabalhar quando quiser; na cidade não, tá do ente e tem que ir trabalhar."

(esposa de pequeno produtor de Sorocaba de Dentro)

"Aqui se eu quero sentar ou parar de trabalhar eu posso, eu tenho liberdade para trabalhar a hora que eu quero. Lá eles têm que trabalhar oito horas por dia."

(médio produtor de Sorocaba de Dentro)

"Lá a vida é mais fácil para quem trabalha. Mas aqui é melhor, mais sossego, mais calma. Lá tem muito barulho."

(esposa de médio produtor de Fazenda de Fora)

"Lá eles não sujam a mão e aqui nós temos que sujar. Aqui, para quem trabalha tem lugar próprio, já na cidade não."

(filha de médio produtor de Sorocaba de Dentro)

"A vantagem é que quem vai embora para a cidade não tem criação para tratar e o serviço é mais leve, mas também passa mais miséria. Quando quer leite ou pão fresquinho não tem. Lá tudo que quiser é comprado e, às vezes, se incomoda com o que compra."

(esposa de pequeno produtor de Fazenda de Fora)

"A vantagem não existe porque tem aqueles problemas de estar comprando todo dia. Eu gosto mais de plantar e colher e tenho pena daqueles coitados que trabalham no comércio, aqueles que já venderam aqui e foram embora. A gente sofre, trabalha muito, mas é melhor."

(pequeno produtor de Fazenda de Fora)

A cidade só se torna viável quando se tem o "estudo" que serviria como passaporte e escudo para o homem da roça, defendendo-o contra o subemprego, a exploração, a miséria e até a humilhação.

"Pra mim é ficar aqui mesmo. Eu acho que se eu for para a cidade morro de fome, não tenho estudo."
(esposa de médio produtor de Sorocaba de Dentro)

"Desvantagem financeira, porque quem não tem estudo na cidade não tem chance... Nós não temos estudo, por isso nós somos grossos, mas eu respondo à altura quando alguém vai me dar uma lição de moral. Vocês falam com uma quantidade de palavras muito mais bonitas."
(pequeno produtor de Fazenda de Fora)

A cidade representa para o homem da roça o desconhecido ou, conforme alguns depoimentos, um mundo onde só tem possibilidades de entrar e ser bem sucedido os que têm uma profissão, ou seja, um diploma profissional. A roça, ao contrário, representa tudo aquilo que ele muito bem conhece e domina. Trocar a roça pela cidade é, acima de tudo, trocar o certo pelo duvidoso.

"Se eu me adapto à terra, não tenho outra profissão e vou embora para a cidade aí está a desvantagem. Se ficar aqui ganho muito mais e tenho possibilidades de usar o que sei. Se for embora para a cidade vou arranjar um emprego e ganhar um salário pequeno. Se tiver uma profissão e sair daqui vou ganhar bem; neste caso, depende da vocação, se a pessoa gosta da terra ela vai ficar, senão vai para a cidade."
(pequeno produtor de Sorocaba de Dentro)

Para os jovens, a vantagem da vida na cidade reside na possibilidade de se ter um maior número de alternativas de lazer. Mas, para viver, a roça é ainda o melhor lugar.

"Vantagem porque lá tem mais lugar para a gente ir, mais diversão... Pra morar é aqui, mas para passear é a cidade."
(filha de médio produtor de Sorocaba de Dentro)

Mas a cidade não é vista por muitos como um todo, onde todos os trabalhos são leves, todos têm sua profissão e são ricos.

"Aqueles lá vivem num barulho, eu aqui estou mais sossegado. Uma parte dos que trabalham na cidade está comendo nas costas dos pobres, ganhando bem.

Uma parte que vive no pesado está sofrendo. Este (apresentador de esportes da TV Catarinense) está bem, fala cinco minutos e ganha uma fortuna, mas ele não vai jogar".

(médio produtor de Sorocaba de Dentro)

"Para o rico a cidade é um paraíso, para o pobre é terrível. Já pensou trabalhando naquelas construções, carregando tijolo?"

(médio produtor de Sorocaba de Dentro)

"Tem trabalho na cidade que é mais leve do que na roça, por exemplo, o trabalho no comércio. Já quem trabalha de servente, construindo, o trabalho é pesado igual ao nosso".

(médio produtor de Fazenda de Fora)

"A vida deles na cidade é igual a nossa, eles também sofrem, tá tão difícil para eles! Quem é rico não, mas sempre tem que administrar alguma coisa. Quem é pobre nem se fala, às vezes tem uma vida mais difícil que a nossa aqui".

(esposa de médio produtor de Fazenda de Fora)

Para alguns, os que vão embora para a cidade são os pobres que não têm terra. Então, para estes, às vezes a cidade é a melhor alternativa, pois apesar de serem pobres, sem estudo, lá terão alguma compensação, por exemplo, a assistência médica e aposentadoria pelo INPS, através de um emprego. Mas, mesmo os pobres gostam de da roça e muitas vezes voltam, preferindo enfrentar as dificuldades da roça às dificuldades da cidade.

"É vantagem para os pobres daqui que vão para a cidade e pegam um emprego. Tem muitos que vão para a cidade e voltam. Lá deve ser mais difícil viver, se ganha pouco. A maioria que saiu daqui está arrependida, muitos não voltam porque não voltam".

(esposa de médio produtor de Sorocaba de Dentro)

"Quem está bem colocado aqui não vai para a cidade, só quem está mal".

(esposa de médio produtor de Fazenda de Fora).

"Alguns vendem para ir embora para a cidade e têm sorte de pegar um bom emprego. Outros não têm sorte e voltam ou ficam na pobreza. Outros vão embora porque não têm terra mesmo."

(pequeno produtor de Fazenda de Fora)

Segundo alguns depoimentos, quem tem terra e ferramentas jamais cometerá a "loucura" de vender tudo e ir embora para a cidade.

"Se ele tinha terra e tudo aqui e vendeu para ir embora para a cidade, então, é louco."

(médio produtor de Sorocaba de Dentro)

"A cidade é feita para loucos e bobos. Eu gosto de ir lá uma vez por mês, mas para morar lá não. Eu acho uma loucura muito grande a pessoa vender a terra aqui para ir embora para a cidade."

(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

Mas o inverso também é difícil, ou seja, a pessoa vir da cidade para a roça.

"Vou te dizer uma coisa: para quem vem da cidade para cá é muito difícil, não tem nada plantado, tem que passar muita dificuldade."

(esposa de médio produtor de Sorocaba de Dentro)

Um caso especial é o de uma comerciante de roupas, que costura para fora e revende roupas trazidas de São Paulo. Para ela a cidade seria mais viável.

"Eu gostaria de sair daqui e botar uma loja num lugar povoado."

(esposa de pequeno produtor de Sorocaba de Dentro)

3.2.5 - O Futuro da Família

As aspirações do homem da roça para o futuro são as mais modestas e reais possíveis. Ele não sonha com grandes investimentos ou viagens. Os homens desejam no máximo comprar um pedaço de terra, melhorar a propriedade ou comprar um carro.

"Eu penso em continuar aqui, arrumar a propriedade melhor e comprar um carro. Eu gosto daqui e não me dou com a vida da cidade."

(pequeno produtor de Fazenda de Fora)

"Eu penso em continuar aqui e comprar mais para fazer o sítio maior."

(médio produtor de Sorocaba de Dentro)

As mulheres têm suas aspirações voltadas para a melhoria da vida doméstica: construir uma casa nova, reformar a casa velha ou comprar algum móvel novo.

"Eu quero fazer uma cozinha e um banheiro de material. Estou pensando em fazer uma horta em trabalhar na lavoura. Penso em pintar a casa, em comprar mais móveis".

(esposa de médio produtor de Fazenda de Fora)

"Eu pretendo aumentar a casa e pintar, fazer calçada em volta, fazer uma cozinha grande e ter bastante conforto. Morar no sítio mas ter tudo em ordem, bem arrumado. Se a plantação continuar com preço bom vai sobrar dinheiro para essas coisas".

(esposa de pequeno produtor de Fazenda de Fora)

Como se vê, sair da roça é um desejo bastante remoto para eles, homens ou mulheres. O homem da roça de Biguaçu, com muita evidência, percebe a sua permanência lá até o final da vida.

"Acho que a vida da gente vai acabar aqui na roça mesmo".

(esposa de médio produtor de Fazenda de Fora)

"Eu penso em continuar aqui até morrer. Gosto da roça".

(médio produtor de Sorocaba de Dentro)

Já para os filhos não é tão evidente assim. É com grande dificuldade que o homem da roça permanece até hoje na sua terra e, para os filhos, provavelmente serão bem maiores as dificuldades. Por isso, os filhos homens terão o estudo como arma para lutarem na cidade por um trabalho mais "leve" que o da roça ou, no caso de quererem voltar a trabalhar na roça depois dos estudos, saberão trabalhar melhor, unindo a experiência anterior aos conhecimentos adquiridos através do estudo.

"Queremos que eles estudem. Depende deles quererem ficar aqui ou não. Quero ver se forço eles o que puder para estudarem, basta a gente que não teve estudo".

(médio produtor de Fazenda de Fora)

"Eu já pego por mim, se eu pudesse comprar um terreno para cada um deles ficarem aqui seria bom, porque seu viço igual a lavoura não tem".

serviço liberto, a gente é que faz a hora. Como eu não posso fazer isso, vou pagar os estudos para eles. Mas gostaria que depois dos estudos voltassem para a roça; daí mesmo que iam trabalhar mais, iriam saber trabalhar mais."

(médio produtor de Sorocaba de Dentro)

As filhas também terão o estudo, mas, tendo sempre como meta o casamento. O estudo, então, será o mínimo: o primeiro grau e, talvez, um corte e costura. A própria permanência ou saída delas da roça estará condicionada ao casamento.

"A filha eu vou estudar mas é um corte e costura. Quero que ela case e fique aqui. Estudar e sair daqui não."

(pequeno produtor de Sorocaba de Dentro)

"Eu penso em dar estudo para as minhas filhas pelo menos até o ginásio. Depois quero que elas fiquem aqui ajudando a gente. A gente tem que conservar a tradição, como diz o gaúcho, se correr todo mundo como é que fica, né?"

(pequeno produtor de Fazenda de Fora)

"Eu queria que ficasse aqui, mas ela tem que procurar um destino, onde o marido pretender ficar, né?"

(médio produtor de Fazenda de Fora)

Esse caráter norteador que é dado ao casamento pelos pais, também é assumido sem qualquer objeção pelas filhas ao pensarem seu futuro e suas aspirações materiais.

"Eu penso em casar, ter filhos, porque solteira a vida toda a gente não pode ficar; casar cedo é a pior naba. Não sei se quero sair daqui da roça, depende do cara que a gente arrumar. Quero morar numa casa, não sou muito de luxo."

(filha de pequeno produtor de Fazenda de Fora)

"Estudar até terminar o segundo grau. Se eu casar eu caso, senão vou aprender datilografia para ser secretária. Pretendo continuar aqui se eu casar, senão eu vou trabalhar na cidade e venho para casa no final do mês."

(filha de médio produtor de Sorocaba de Dentro)

3.3 - As Comunidades e o Associativismo

3.3.1 - As Reuniões

Tanto na comunidade de Fazenda de Fora como na comunidade de Sorocaba de Dentro, as famílias pesquisadas costumam participar de reuniões promovidas por três entidades: a ACARESC, a Associação de Pais e Professores (APP) e a Igreja.

As reuniões da ACARESC e da APP são realizadas na Escola de cada comunidade e delas participam a maioria das famílias.

"Participo da reunião da ACARESC na Escola, duas ou três vezes por ano. Este ano teve uma em maio sobre a plantação, fruticultura, diversificação da produção. Participam uns 20 ou 30 produtores. São boas as reuniões, se eu quero fazer uma plantação de banana, por exemplo, eu tenho que saber o adubo e o remédio que tenho que usar. Na reunião os interessados em plantar alguma coisa deixam o nome com o agrônomo da ACARESC e depois ele vai na casa dos interessados explicar tudo direitinho."

(médio produtor de Sorocaba de Dentro)

"De vez enquanto a turma da ACARESC vem aí e faz reunião no Grupo Escolar. Já participei, mas agora não participo mais. A gente se reunia para ver o preço dos produtos, instruções para plantar, orientação para retirar empréstimos no Banco do Brasil. Depois nunca mais fizeram. De uns tempos para cá é que estão fazendo novamente."

(pequeno produtor de Sorocaba de Dentro)

"A ACARESC veio aqui já faz dois anos, falou sobre o gado. Faz dois meses que fizeram uma reunião na Igreja para falar sobre hortas."

(Ele)

"Não voltaram mais, nós preparamos a terra e a moça não voltou mais."

(Ela)

(casal médio produtor de Sorocaba de Dentro)

"Participo da reunião de pais e professores na escola duas ou três vezes por ano. Conversamos sobre a educação dos filhos, a alimentação na escola."

(pequeno produtor de Fazenda de Fora)

"Participo de reuniões na escola. Conversamos sobre a merenda das crianças, melhorias na escola os problemas das crianças nos estudos."
(esposa de pequeno produtor de Fazenda de Fora)

Além das ocasiões habituais nas quais as pessoas costumam se reunir na Igreja (missas, cultos e festas), existem duas reuniões específicas: da Comissão Administrativa e do Grupo de Jovens. Da reunião da Comissão Administrativa poucos participam por diversos motivos.

"Participo de reuniões na Igreja, sou membro da Comissão. Nós nos reunimos duas vezes para resolver os problemas de limpeza, fazemos novenas nas casas, o que fazer na missa, fazemos as festas, os preparativos. A comissão é escolhida por votação na Igreja."
(esposa de médio produtor de Sorocaba de Dentro)

"Não participo de reunião na Igreja; os próprios caras que dirigem não fazem nada."
(esposa de pequeno produtor de Fazenda de Fora)

Das reuniões do Grupo de Jovens participam quase todos os jovens das comunidades. O Grupo tem a finalidade de criar alternativas de lazer para os jovens e promover a participação deles na Igreja.

"Participo do Grupo de Jovens. Gosto de participar. A gente se reúne de 15 em 15 dias, duas vezes por semana, às vezes passamos vinte dias sem nos reunirmos. Não tem dia marcado. Nós falamos sobre as festas na Igreja e na casa dos outros, brincadeiras que iremos fazer..."
(filha de médio produtor de Sorocaba de Dentro)

Há ainda as reuniões informais que se dão ou na frente da Igreja, antes da missa, ou durante as festas. Este tipo de reunião, sem a presença de pessoas comandando, é poucas vezes lembrado ou valorizado.

"Participamos de reuniões na Igreja com homens e mulheres três a quatro vezes por ano. Lá a gente fala, discute, mas não tem ninguém de fora dando aula..."
(médio produtor de Sorocaba de Dentro)

3.3.2. A Igreja

A Igreja parece ocupar o centro da vida social das comunidades. Lá os habitantes se encontram para missas, cultos e festas. Nesses encontros, além dos assuntos específicos, no caso da missa e do culto, são tratados assuntos diversos, tais como, transações comerciais, eleições e as pessoas ficam sabendo das notícias da comunidade e de fora. E esse não é um fato característico dessas comunidades, mas de todas as pequenas comunidades onde a Igreja, até mesmo geograficamente, ocupa o centro.

"Participamos de reuniões na Igreja com homens e mulheres três a quatro vezes por ano. Lá a gente fala, discute, mas não tem ninguém de fora dando aula".

(médio produtor de Sorocaba de Dentro)

As missas não são frequentes pois o padre que as reza vem de fora, do centro de Biguaçu, mas, mesmo assim, quase todos participam. Já o culto é realizado com mais frequência.

"Quando tem missa e eu posso ir eu vou. O culto eu não perco, vou todo domingo. Quando tem reunião grande na Igreja eu vou, a gente fala sobre rezas, sobre a vida. São de pão não vive o homem, tem que ser da palavra também".

(esposa de médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Todo domingo vou ao culto. Quando tem missa aqui perto a gente vai, para ir em Biguaçu é muito longe".

(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Aqui é muito difícil ter missa, o padre não é daqui. Quando tem eu participo. Aos domingos e quartas-feiras participo do terço".

(filha de médio produtor de Sorocaba de Dentro).

Ir à Igreja está muitas vezes entre os principais passatempos dos moradores das comunidades, tanto as festas como as missas.

"Tem festa na Igreja, futebol, terços aos domingos, cancha de bocha".

(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"São as festas, missas e terços aos domingos".

(esposa de médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Nós temos muitas coisas: domingo de manhã tem culto na Igreja, à tarde tem dança, tem futebol, cancha de bocha..." (médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Gosto muito de ir à uma missa e me divertir na casa de uma amiga. Quando sai um passeio gosto de ir". (esposa de médio produtor de Sorocaba de Dentro).

Portanto, ir à Igreja é algumas vezes encarado como um ato obrigatório.

"Vou sempre uma vez por mês à Igreja, a gente não pode deixar de ir, né?... Vou rezar que a gente é obrigada a rezar".

(esposa de médio produtor de Fazenda de Fora).

3.3.3. A Cooperativa

A cooperativa é tida pela maioria dos produtores como um órgão acabado em si mesmo, ou seja, não depende da participação dos associados, mas da atuação isolada da diretoria. Ou a cooperativa cumpre a função de melhorar os preços dos produtos, pagando mais pela produção e vendendo bem mais barato os insumos e instrumentos de trabalho, e "funciona" ou, caso contrário, não tem sentido a sua existência. Por isso, a Cooperativa Litorânea Ltda tem sido alvo de constantes reclamações. De acordo com os depoimentos, a cooperativa não proporciona o lucro imediato esperado por todos e ainda demora para entregar o dinheiro.

"Tanto faz ser sócio ou não. Sendo sócio é mais castigado, o lucro é menor. A cooperativa demora muito para pagar e esse ano vendi para outro".

(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Não acho vantagem nenhuma, a gente vai vender lá e é mais barato, dá prejuízo. Eles custam a pagar".

(médio produtor de Fazenda de Fora).

"Já vendi lá, mas agora não vendo mais. O preço é muito baixo e custa a receber o dinheiro".

(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Não vale a pena, só dá prejuízo. Vendo a minha produção para o engenho de Biguaçu. Vendi durante dois anos para a cooperativa, mas esse último ano não. Entrei de sócio há

três anos, se bem que não devia ter entrado".
(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

Ou a cooperativa funciona como cerceadora da liberdade de vender e comprar onde quiserem, isto é, onde pagam mais pela produção e vendem mais barato os outros produtos.

"Aquele que é sócio é obrigado a comprar e vender ali. Quando não ele tem liberdade para comprar e vender onde quiser".
(pequeno produtor de Sorocaba de Dentro).

"Por conta da gente nós vendemos onde queremos e compramos o remédio no lugar mais barato, tem muito lugar que é mais barato".
(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Os associados que não venderem lá não têm desconto de 10%. E mesmo com o desconto ainda é mais caro que em outros lugares. Desse jeito só vão para trás".
(médio produtor de Fazenda de Fora).

Logo, o afastamento dos associados da cooperativa é geral; muitos abandonam definitivamente a cooperativa e a responsabilidade recai totalmente sobre a administração.

"Acho mal administrada. No final do ano passado a cooperativa estava com prejuízo, foi tirado então do capital de giro. Mandaram cobrar a taxa de CR\$25.000,00 e eu não paguei ainda e nem vou pagar. Quando eles entraram eles pagaram os prejuízos e tiveram algum lucro. No segundo ano empatou. No terceiro tivemos prejuízo. Enquanto eles levam assim só vai correr associados de lá...".
(médio produtor de Fazenda de Fora).

"A nossa cooperativa não presta por causa do dirigente. O certo seria mudar de três em três anos, mas não muda nunca, o cara já tá de dono".
(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

A administração, cada vez mais desprezada pelos ainda associados, percebe-se então abandonada - seja pela falta de participação dos sócios, seja pela atuação da própria Diretoria.

Daí, a existência de constantes ataques e desconfiança por

parte dos que ainda permanecem associados.

"É bom para os que trabalham lá dentro. Para os que são bo tam produtos lá dentro não é. O presidente tira CR\$100.000,00 por mês. Já assaltaram a cooperativa, não sei se é gente de fora ou não; tem "ratão" lá ainda, o "ratão" nunca se acaba.

Esse ano não me convidaram para a reunião da cooperativa. Faz mais de um ano que não vou a reuniões".

(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Eu sou descrente da votação que eles fazem, dá sempre pa ra o lado deles. Quando eles se sentem mal fazem campanha para aumentar o número de associados e ganham dinheiro, mas o dinheiro nunca aparece".

(médio produtor de Fazenda de Fora).

Alguns têm uma visão menos negativa do funcionamento da coo perativa e vêem nela algumas vantagens.

"Para o município resolve porque é um órgão que traz tu do que precisa para a produção, as máquinas e os adubos. Já uma casa comercial visa só o lucro; se dá lucro ela traz, se não não".

(pequeno produtor de Sorocaba de Dentro).

3.3.4. O Sindicato

O entendimento que muitos têm do sindicato é o mesmo que se tem da cooperativa, ou seja, o sindicato é um órgão isolado que deve atuar e resolver os problemas existentes independente da participação dos sindicalizados. E o principal problema apontado por muitos é o da assistência médica e odontológica, para alguns a única e para outros fun ção primordial do sindicato.

"Eu pagava sindicato mas agora desisti. O sindicato dava assistência médica e dentista. Parei porque tinha que pagar o INPS e o sindicato também. O INPS sempre dá mais di reito".

(médio produtor de Fazenda de Fora).

"Muitos abandonam o sindicato e pagam o INPS. No sindicato não há médico especialista".

(esposa de pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"É bom, né? Sempre é mais fácil para arrumar médico, com o sindicato é mais fácil".

(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"O sindicato tem muitos defeitos, mas por nossa parte. Nós pagamos muito pouco para ter os serviços do sindicato, médico e dentista. Os pobres não podem pagar o sindicato, o INPS e o Funrural, então a gente resolveu que os que pagam mais têm mais direitos e os que não podem pagar ficam naquele direito que o sindicato e o Funrural oferece: são médico de clínica geral".

(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

O sindicato, tido como um mecanismo que deve solucionar automaticamente os problemas, portanto, tem que apresentar resultados imediatos. Do contrário, será visto como algo inútil que não resolve na da.

"De uns tempos para cá não fui mais às reuniões. O que eles falavam era bom, mas não aparecia. Eles falavam que iam fazer hospital, mas nunca fizeram. Adiantar adianta, né? A gente aprende de tudo, sabe das coisas, é bom".

(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"O sindicato tá sempre aquela naba. Quase não adianta certas coisas para mim. Eles falam que é preciso fazer hospital, mas ainda não vi nem o lugar, tá parado. Nada sai, nada vem das reuniões. Eu tô gostando, decerto vale a pena. Eu vou porque gosto".

(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

Essa aparente contradição notada nos depoimentos acima traz o significado que tem o sindicato para muitos produtores e a posição passiva e resignada deles diante de uma entidade criada de maneira vertical, cuja atuação depende menos da participação dos sindicalizados do que do incentivo da direção do sindicato e do governo.

"O sindicato funciona, mas não é a contento. Não dá incentivo para a gente; a pessoa não sendo incentivada ela desanima. Falta incentivo do governo que devia olhar um pouco mais isso aí".

(pequeno produtor de Sorocaba de Dentro).

"Não sou sindicalizado porque eles nunca convidaram. Se eles convidassem poderia ser. Eu acredito que resolve, pois

eles fazem reunião e o agrônomo aconselha, às vezes o conselho é bom, né?".

(médio produtor de Fazenda de Fora).

Mas, para o homem da roça, acostumado a dura concretude de seu trabalho que lhe absorve integralmente o tempo, é muito difícil ter folga e disposição para participar do sindicato ou de qualquer outra organização. Assim, qualquer experiência frustrada no trabalho ou tentativa de lutar por melhores condições de vida e trabalho que não dê resultados imediatos representa para ele perda de tempo e, conseqüentemente, perda de dinheiro.

"Eu fazia parte do sindicato até o ano passado. Eu saí por que perdia muito tempo e não ganhava nada. O que eles falavam era que tinha que dar a mão para o sindicato, mas eu ia às reuniões e nem a gasolina do carro eu ganhava".

(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

Por isso, o abandono do sindicato por parte dos produtores é crescente e o desinteresse dos que ainda continuam é notado através da não participação nas reuniões e nas eleições para renovação da diretoria.

"De uns tempos para cá não fui mais às reuniões. O que eles falavam era bom, mas não aparecia".

(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Quanto ao sindicato, só pago a taxa. Faz dois anos que nós ocupamos o dentista".

(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"De dois em dois anos tem eleições para a diretoria, só que o presidente e o secretário não mudam, eles já estão lá há uns sete ou oito anos. A gente que resolveu assim, eles já estão acostumados e ninguém quer pegar esse compromisso".

(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

Uns poucos vêm o sindicato como um órgão de defesa da categoria, fazendo, inclusive, comparações com outras entidades atuantes.

"O sindicato não faz nada. Oferece assistência médica muito precária e dentista. Eu pedi uma reunião para discutir o problema da luz que está custando 60% a mais que o normal, mas eles não deram importância. Nós assistimos pela TV o sindicato dos professores na cidade e vimos que lá

eles são unidos e fortes, conseguem o que querem. Nós aqui não, apanhamos caladinhos".

(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

3.3.5. Os Problemas das Comunidades

Entre os problemas citados espontaneamente por eles e os lembrados e questionados pelo autor, pode-se enumerar os seguintes: falta de terra, baixo preço da produção, falta de assistência médica, ausência de telefone, construção da estrada federal e falta de apoio do poder público.

O problema da terra é visto de diferentes modos. Há os que não consideram a falta de terra um problema, pois, os que têm podem ... "abrigar" os que não têm e todos terão onde trabalhar, se não trabalharem é porque são "mandriões". E até essa situação de uns terem terra e outros não é encarada com naturalidade pelos que têm.

"Não existe problemas na comunidade. Tudo tranqüilo. Problema de terra também não existe, querendo trabalhar tem terra, se um não tem trabalha no terreno do que tem".

(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"Não são todos que têm terra, mas podem trabalhar na terra dos outros, porque quem tem dá para quem não tem. Não querem trabalhar por vadiagem".

(esposa de médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Tem terra e tem é falta de gente para trabalhar. Eles correm tudo da roça e os ricos vêem e compram tudo. Depois o pessoal quer voltar e não pode. Eles vão para a cidade porque não querem mais trabalhar na roça, vão para lá sem profissão, sem nada. Depois querem voltar, mas não têm mais nada, já venderam tudo".

(médio produtor de Fazenda de Fora).

"Eu não sinto dificuldade nenhuma. A terra tá sobrando, não trabalham porque não correm, são "mandrião". Estão tudo mais ou menos por aqui. Uns mais pobres, outros mais ricos, mas a gente vai se virando, né!".

(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

Há os que acham que esse problema não existe mais na comunidade porque os que não tinham terra já foram embora para a cidade, se

empregaram e resolveram seu problema.

"O pessoal que não tinha terra já foi embora. Os que tinha um pedaço pequeno venderam e foram para a cidade se empregar".

(médio produtor de Fazenda de Fora).

E há ainda, poucos é claro, os que citam o problema da falta de terra e os que chegam a analisar o problema em todas as suas causas e conseqüências.

"Tem muitos que não têm terra e, então, arrendam a terra, mas não sobra quase nada para eles. A gente que tem terra já não sobra!!... Aqui é assim: os que têm terra arrendam um pedaço e os que não têm são os arrendatários. De uns cinco anos para cá já foram embora uns 60% dos agricultores. Estão todos na cidade trabalhando de operários.... O culpado é o governo. Veja bem, sô aqui do meu lado 14 famílias foram embora e os terrenos estão todos na mão de ricos, gente que não trabalha, não dá nada para a produção do país e sô atrapalha. Já tem muitos que foram donos e passaram a ser empregados, vendem aqui e vão embora para a cidade trabalhar de operário. Uns porque a terra é pequena e outros por causa do preço da lavoura. Há dois anos o governo deu empréstimos para plantar mandioca e ca na para produzir álcool, mas mandioca não dá álcool nada! Então, o preço da farinha baixou muito e muitos que eram produtores de mandioca venderam as terras e foram embora. Aqui já teve 22 engenhos de farinha, agora tem cinco. Então, o próprio governo bota a gente no fogo".

(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

O problema dos baixos preços dos produtos vendidos aos intermediários, ^{produzidos em regime de integração com as agroindústrias,} é apontado e reclamado por todos. Embora alguns ainda achem que a lavoura do fumo é, apesar de pouco rentável, a que acompanha "o salário".

"O maior problema da comunidade é a questão dos preços dos produtos. Nós já tentamos nos reunir, mas eles (a cooperativa) acabaram por estabelecer o preço deles".

(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"Eu quero fazer um empréstimo para criar para mim. Esse lote de frangos é o último. Não estou contente com eles. Eles são bons, pagam na hora, mas é pouco. Criando para

a gente dā para tirar umas quatro vezes mais".
(médio produtor de Fazenda de Fora).

"É pouco o que eles pagam, pelo preço que nōs pagamos a eles pelos adubos e remédios... Os preços desses insumos subiram mais que o preço do fumo. O fumo não é lavoura boa não. Na classificação avançam sempre para o lado deles, dā tudo bom para eles. A Souza Cruz tem um lucro de 1000%, é a companhia mais rica que tem; não é brasileira, mas é a mais rica".

(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Com o trabalho que a gente tem para produzir isso aī (fumo), o preço devia ser mais alto. Eles dão instrução de como fazer a classificação e a gente faz como eles ensinam. Quando chega na companhia essa classificação nunca é correta, eles sempre fazem uma correção da classificação e dizem que tem que ter uma técnica de classificar. Não sei se é por falta de conhecimento da gente... Mas é a única lavoura que sempre sobe o preço de ano para ano, de acordo com o salário".

(pequeno produtor de Sorocaba de Dentro).

"A classificação não é correta, eles passam a gente muito para trás. O preço das classes é bom, sō que eles avançam na classificação. Prejuízo não dā, mas devia dar uma melhora radinha. Se não fosse a classificação que eles fazem seria a melhor lavoura. Todo ano o fumo sobe de preço. É a única lavoura que acompanha o salário".

(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

Outros, os que comercializam sua produção com o intermediário, sentem que o problema do preço pode ser resolvido através de uma política de comercialização que deixe de lado o intermediário.

"O problema maior que a gente pode sentir é o preço dos produtos. Vendemos barato e lā sofre uma alta muito grande através do intermediário e isso é com toda a agricultura. É verdade que tem o transporte, mas mesmo assim fica encarecido o produto".

(pequeno produtor de Sorocaba de Dentro).

"O que o governo devia fazer era dar empréstimos a juros baixos para que a gente pudesse comprar um carro e ir ven

der nossos produtos diretamente. Assim, nós poderíamos ganhar mais e os consumidores pagarem menos. Nós podíamos vender um quilo de farinha que hoje é vendido lá por CR\$ 70,00 e comprando aqui por CR\$22,00, a CR\$35,00". (médio produtor de Sorocaba de Dentro).

Os outros problemas apontados por alguns são: a falta de assistência médica na comunidade, falta de telefone e a construção da estrada federal que para um dos quatro entrevistados sobre o assunto não representa um problema.

"Não tem atendimento médico. Quando há um problema de doença temos que ir a Biguaçu". (médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"O que falta para nós nos realizarmos é o telefone. O telefone facilita a vida e o trabalho da gente. Se tivesse o telefone seria a mesma coisa que morar dentro da cidade". (pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"Vai passar (a estrada federal) e nós não queremos. Se tu nunca viu a minha cara na TV, vai ver agora, porque eu vou aparecer até na TV para brigar com os 'homens'. Se passar aqui vai mudar muito, a tranquilidade, a segurança. Incomoda, eu já vivo aqui no meio do mato pra ficar sossegado". (Ele).

"A nossa casa vai lá para dentro de banhado". (Ela). (casal pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"Nós queríamos fazer uma casa bonita, de material, mas vai sair a federal, não vai dar...". (filha de pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"É bom porque dá mais movimento, os terrenos são valorizados, melhora o transporte. E amanhã o sítio tá mais povoado, precisa ter estrada boa para o comércio". (pequeno produtor de Fazenda de Fora).

A falta de apoio do poder público também foi considerada como um sério problema enfrentado pela agricultura em geral.

"Está ruim para nós porque o governo trancou tudo, o crédito rural. A gente não pode trabalhar". (médio produtor de Fazenda de Fora).

"O agricultor deveria ter mais direito de dispor de máquinas para abrir estradas dentro da propriedade dele. A gente não tem esse apoio do poder público. Seria muito importante esse apoio. A gente às vezes deixa de plantar por falta de apoio do poder público".

(pequeno produtor de Sorocaba de Dentro).

"Quando tem problemas de estrada vamos falar na Prefeitura. Para o vereador não adianta. Tem que ir direto pedir a Deus, falar com o santo para depois pedir a Deus não adianta".

(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

Diante da questão de como eles se organizavam frente a um problema, diversas foram as respostas e argumentações. Desde a simples constatação de não terem a quem recorrer até o comentário mais crítico sobre a falta de organização na comunidade.

"Não existe ninguém para se fazer reclamações. O vereador daqui não faz nada, quando tivemos que arrumar a estrada ele não fez nada, nós é que tivemos de ir à Prefeitura".

(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"Quando tem problema a gente reclama para o vereador e para o prefeito. O vereador resolve, mas leva três meses".

(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Nós vamos reclamar na Prefeitura. Cada um vai separado e, às vezes, encontra-se com os outros que também estão lá reclamando".

(esposa de pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"Aqui cada um cuida de si. Quando é um que precisa vai lá e reclama".

(esposa de médio produtor de Fazenda de Fora).

"Eu nunca reclamei, não sou de reclamar, eu mesmo resolvo certas coisas. Eu me preocupo muito é com o meu trabalho, a minha luta. É cada um por si e Deus por todos, né?".

(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"Tivemos problema de água e fomos reclamar para o Juiz e o Promotor. Uma turma se reuniu e foi. Esta foi a única vez que fomos reclamar".

(pequeno produtor de Fazenda de Fora)

"Às vezes vão dois ou três, às vezes sozinhos. Às vezes fazemos abaixo-assinados e alguém leva, dá 400 ou 500 assinaturas".

(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

Apenas um camponês aponta como problema a falta de organização da comunidade:

"Aqui não tem líder, o que tem é político. Nós vamos reclamar para o vereador porque ele pode encaminhar um projeto na Câmara, mas nem sempre resolve. Agora, nessa época de política, eles fazem alguma coisa. Aqui ninguém se organiza, falta um líder, cada um vai por si. Aqui falta essa organização, um só não tem força, dois ou três já são mais fortes".

(pequeno produtor de Sorocaba de Dentro).

CAPÍTULO III

A COMUNICAÇÃO

4.1. A Comunicação nas Comunidades

A comunicação entre os moradores de cada comunidade se dá de uma maneira muito informal e direta. É uma conversa de vizinhança que pode acontecer em qualquer lugar, a qualquer hora, entre duas ou mais pessoas e onde são contados os problemas e as alegrias de cada um, as novidades de dentro e de fora da comunidade e são feitas, inclusive, transações comerciais. Algumas vezes a comunicação entre as pessoas tem um caráter puramente funcional.

"Às vezes a gente se encontra na estrada, na venda, as pessoas vêm aqui. Então, a gente bate uma trela".
(esposa de pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"Gritando pela cerca, na estrada, na roça, na casa dos vizinhos".
(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"Aos domingos a gente sai e conversa por aí. Na venda não, eu quase não sou muito de venda".
(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"Às vezes o pessoal vem aqui ou a gente se encontra na igreja. Na venda eu não vou. Na estrada também a gente conversa".
(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"Sô converso com as vizinhas quando elas vêm comprar roupa, precisam de mim. Sô saio de casa para vender roupa e ir na igreja, mais nada".
(esposa de pequeno produtor de Sorocaba de Dentro).

Como se vê, um dos lugares de encontro citado por muitos é a venda que, para alguns moradores da comunidade de Fazenda de Fora, é vista com muita reserva. Para outros, não são na venda, mas nos encontros em geral, as conversas que se dão são fofocas maldosas que devem ser evitadas na comunidade.

Na venda sô dá fofoca e a gente já não vai por isso".
(médio produtor de Fazenda de Fora).

"Aqui não tem essa mania de fofoca. Aqui todo mundo é muito decente, ninguém faz isso. É por isso que eu gosto daqui".
(esposa de médio produtor de Fazenda de Fora).

Porém, para os moradores da comunidade de Sorocaba de Dentro a venda é o principal lugar de encontro, chegando até mesmo ser intitulada de "Jornal do Sítio".

"Nós chamamos a venda de Jornal do Sítio. Ali é que sai a fofoca e a gente fica sabendo de tudo. Num jogo de futebol também, a gente se reúne e fica sabendo das novidades. Nunca com hora ou lugar marcado".

(pequeno produtor de Sorocaba de Dentro).

"O Jornal do Sítio é a venda. Lá a gente sabe de tudo: men tira, verdade, o que vai acontecer, o que já aconteceu, se a roça tá ruim, se o boi tá doente, se o marido deixou a mulher. Quando eu vou na venda fico sabendo de tanta coisa!!!".

(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

4.2. Os Meios de Comunicação de Massa

4.2.1. Meios Escritos

A maioria dos produtores, entrevistados não lê nem um tipo de publicação, ou seja, nem jornais, revistas, livros ou mesmo as publicações especializadas entregues pela Souza Cruz aos fumicultores ou pela ACARESC aos assistenciados.

"Não leio jornal, não leio revista e nem os livrinhos da ACARESC".

(meio produtor de Fazenda de Fora).

"A Souza Cruz manda algumas vezes, mas eu não leio".

(meio produtor de Sorocaba de Dentro).

Alguns costumam ler somente as publicações especializadas e também o jornal da Cooperativa.

"Já recebi o almanaque sobre o calendário agrícola".

(meio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Leio o jornal da Cooperativa, da Souza Cruz".

(meio produtor de Sorocaba de Dentro).

E uma pequena minoria lê jornais, revistas e publicações especializadas regularmente. Raramente alguém lê um livro.

"Gosto muito de ler. Leio O Estado (jornal). Gosto de ler Manchete e Veja (revistas), livros de história do Brasil e de outros países, desde que seja verdadeira, lenda não interessa muito... Leio as publicações da Souza Cruz".

(pequeno produtor de Sorocaba de Dentro).

"Leio o Jornal de Santa Catarina quando vou à cidade... Recebo livrinhos sobre o ciclo de pastagens".

(meio produtor de Fazenda de Fora).

4.2.2. Rádio

Todas as famílias têm o seu aparelho de rádio que, para muitos, é o primeiro companheiro da manhã.

"Levanto às 5:30h. Às vezes ligo o rádio e vou acendendo o fogo, tirando o leite. Escuto o programa do Zê Beti, música sertaneja bem alto e vamos para o rancho tirar leite, tratar o gado".

(esposa de pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"Levanto às 5:30h e às vezes ligo o rádio e escuto o Zê Beti, música caipira".

(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"Ligo só de manhã cedo para escutar música sertaneja das 5 às 6h na Rádio Record e Gaúcha. Não ligo muito o rádio, mas quando ligo gosto de escutar música".

(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

Ou, o último companheiro da noite para os fumicultores na época da queima do fumo nas estufas. Nessa época é necessário ficar de plantão o tempo todo, de dia e à noite, para que o fumo não passe do ponto.

"Quando vou queimar fumo levo o rádio e escuto música caipira a madrugada toda".

(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Escuto música caipira à noite quando trabalhamos na queima do fumo durante toda a noite. A gente leva o rádio".

(pequeno produtor de Sorocaba de Dentro).

Os programas preferidos são os de música sertaneja, sobretudo o do Zê Beti, um programa da Rádio Record, das 5:30 às 6:30h. Outros programas como missas, programas de auditório e jornalísticos também são ouvidos. Dentre esses, o mais citado foi o Cesar Souza, um programa de auditório, do qual os ouvintes podem participar através do telefone e onde o apresentador tenta resolver os problemas dos que vão até lá pedir com muito choro e tendo de fundo uma música comovente.

"Às vezes escuto jornal no rádio às 6:30h".

(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"Levanto às 6h, sempre escuto músicas e notícias na Diário (Rádio)".

(esposa de pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"Levanto às 6h, sempre ligo o rádio para ver a hora e mandar as filhas para a aula. O dia que eu me lembro gosto de escutar o Cesar Souza. Às 5^{as} feiras tem missa às 9h na Rádio Aparecida (de Aparecida do Norte, S.P.). Às 16h nós ligamos no Portãozinho, na Diário".

(esposa de médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"No rádio escuto o Cesar Souza, é disso que eu gosto".

(esposa de médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Gosto do Cesar Souza no rádio, das 8 às 10h. Música dis-coteque, música mais lenta".

(filha de pequeno produtor de Fazenda de Fora).

Geralmente o rádio está na cozinha fazendo companhia a dona-de-casa no seu trabalho doméstico, mesmo quando não está ligado. E isso levou o autor a questionar a teoria aceita por muitos de que o rádio é o companheiro do cotidiano do homem da roça que, inclusive, leva-o junto para a roça. A pergunta feita aos agricultores foi: Vocês levam o rádio para a roça?

"Nunca levo o rádio para a roça, atrapalha o serviço".

(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"Eu não gosto do rádio, nunca levei para a roça".

(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Nunca levei para a roça. A mais moça escuta muito. Eu às vezes escuto de manhã cedo, ao meio-dia...".

(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Nunca levei o rádio para a roça. Ah, uma vez eu levei, foi no tempo do Jorge Lacerda, quando ele ganhou o governo de Santa Catarina".

(pequeno produtor de Sorocaba de Dentro).

Pelo que se pode comprovar, o rádio nunca foi levado para a roça ou, se foi, isso aconteceu há muito tempo, quando a televisão ainda não havia chegado lá e nem ocupava o espaço que ocupa hoje no dia-a-dia de toda família campesina. Naquele tempo também o rádio desempenhava um papel político que hoje não possui.

4.2.3. Televisão

A televisão ocupa hoje no cotidiano do homem da roça um espaço até então totalmente monopolizado pelo rádio. Até mais, conquistou a preferência de todos, homens, mulheres e jovens que explicam por que escolheram a televisão ao rádio.

"Antes quando não tinha a televisão escutava rádio, mas hoje com a televisão... Prefiro a televisão porque dá uns programas melhores. Televisão você tá vendo tudo e rádio se você perde a atenção perde tudo".

(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Quando não tinha televisão eu escutava muito rádio. Agora, com a televisão abandonei o rádio. Prefiro a televisão porque escuto e vejo".

(pequeno produtor de Sorocaba de Dentro).

"Prefiro televisão. Porque o rádio a gente só escuta o som e a televisão a gente vê a imagem".

(filha de médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Televisão. Porque parece que é uma fala mais declarada, né? A gente vê aquelas imagens e se agrada mais".

(esposa de médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Televisão. Porque eles explicam e mostram as coisas. A gente vê tudo direitinho".

(esposa de médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Televisão. A gente escuta e vê. O rádio a gente só escuta e, às vezes, tem muita mentira".

(esposa de médio produtor de Fazenda de Fora).

"Televisão. Porque muitas coisas que passa na televisão a gente acha engraçado porque tá vendo a imagem, só por ver falar às vezes não tem graça".

(esposa de pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"Televisão. Os programas são bem esclarecidos; pelo menos se a gente não entende, está vendo a boca do fulano dizendo, se o cara mente a gente tá vendo a cara dele".

(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

E, mesmo os poucos que manifestaram a sua preferência pe-

lo rádio não esconderam o seu fascínio pela televisão.

"Rádio. Porque o rádio eu escuto e não estrago muito a mi
nha vista. Claro que a televisão é melhor, a pessoa tá ven-
do e escutando, mas se a pessoa não pode não adianta for-
çar".

(médio produtor de Fazenda de Fora).

"Rádio. Porque o rádio não atrapalha o serviço em casa. A
televisão a gente tem que ver o que está passando, senão
não tem graça. Eu só ligo mesmo a televisão à noite".

(esposa de médio produtor de Fazenda de Fora).

"Eu prefiro os dois. O rádio dá a notícia mais rápido. A
televisão eu acho bom porque mostra as coisas, aparece. Às
vezes acontece coisas lá longe e aparece na televisão. É
mais fácil hoje do que antigamente; de primeiro levava tem
po para ficar sabendo das coisas, agora a televisão está
mostrando tudo na hora. E o rádio é mais rápido que a te-
levisão".

(esposa de médio produtor de Sorocaba de Dentro).

Mas, não é só em relação ao rádio que a televisão ocupa um
lugar de destaque. Ela está entre os passa-tempo da comunidade, para
muitos, é grande alternativa de lazer.

"Gosto de novela e ele (o marido) até briga comigo, então
eu falo que a única coisinha que a gente tem é só isso, não
sai, não vai na casa de ninguém. A televisão é o passa-tem
po da gente, muitas coisas a gente aprende, experiências,
coisas que a gente não sabe".

(esposa de médio produtor de Fazenda de Fora).

"Não vou a nada, só a televisão. Não vou a nada porque não
gosto, mas tem baile uma vez por mês e futebol todo domin
go".

(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"Só assisto televisão. Outra coisa não faço".

(esposa de pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"Aos domingos eu saio à tarde, tem domingueira no salão da
Igreja de Fazenda de Dentro... Eu gosto de novelas".

(filha de pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"Não tenho outro passa-tempo. Gosto de novelas e dos can

tores que a gente entende, os caipiras; dos estrangeiros
não, a gente não entende".

(esposa de pequeno produtor de Sorocaba de Dentro).

4.3. A Televisão

4.3.1. Assistência Diferenciada

Os programas mais assistidos pelos homens são: programas jornalísticos, futebol, novelas, programas de auditório, programas agrícolas, programas humorísticos e filmes. Essa ordem não é aleatória e se justifica em grande parte pelo tempo livre que os homens dispõem, ou seja, as horas que eles não estão na roça. Durante a semana ele só tem tempo livre na hora do almoço e à noite, a partir das 19h. Mas esse tempo não é totalmente destinado a televisão. Muitos se utilizam desse tempo para deitar e descansar. Portanto, os poucos que ligam a televisão ao meio-dia assistem o Jornal do Almoço, na TV Catarinense, ou o Repórter, na TV Eldorado.

"Ao meio-dia vejo televisão, canal 12, o programa Jornal do Almoço. Assistio o Jornal do Almoço para ver as notícias, o que está acontecendo dentro do Estado. E agora, com a política, eu gosto de ver aquela parte do Moacir Pereira, o comentário dele".

(pequeno produtor de Sorocaba de Dentro).

"Ao meio-dia vejo televisão cinco ou dez minutos e saio, às vezes se vê algum mentiroso falar, o que eles falam ali é tudo mentira, ilusão".

(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Ao meio-dia ligo a televisão no canal 12 para assistir o Jornal do Almoço, ou no canal 6 para assistir o Repórter".

(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

A maioria dos homens assiste televisão somente à noite, a partir das 19h, hora que eles chegam da roça. Então, os programas assistidos são o Jornal Nacional, as novelas Elas por Elas e Sétimo Sentido, na TV Catarinense; Jornal Noticentro, as novelas A Leoa e Os Ricos Também Choram, na TV Cultura. Os jornais são os preferidos e as novelas poucos assistem com regularidade e assistem somente "enquanto descansa o jantar" ou "só porque estão assistindo televisão". O futebol, portanto, toma a dianteira depois dos jornais e nos fins-de-semana. Poucos assistem os programas depois das 22h, que são sempre programas humorísticos ou filmes. Os programas assistidos são: Viva o Gordo, Chico City (humorísticos) e O Bem-Amado, na TV Catarinense.

"Só ligo a televisão à noite para assistir o Noticentro e

as novelas *A Leoa* e *Os Ricos Também Choram*, que s^o assisto porque estou assistindo televisão, mas não dou bola não. Gosto de assistir futebol também".
(médico produtor de Sorocaba de Dentro).

"Assisto o repórter das oito horas (*Jornal Nacional*). Ontem à noite é que eu esperei pelo Bem-Amado. Gosto do repórter porque quero saber das novidades, o preço da carne quando sobe. O Bem-Amado por causa do cemitério, é engraçado".
(médico produtor de Sorocaba de Dentro).

"À noite às vezes assisto *Elas por Elas* e *Jornal Nacional*. E esse programa *Chico City*, *Viva o Gordo* é Bem-Amado. Novela eu assisto porque é um passa-tempo, mas eu não acredito muito naquilo ali não. Os programas de humor estão no mesmo nível das novelas, é um passa-tempo. A gente não vai a um cinema, a um teatro, então, aquilo ali é o mesmo que tivesse ido".
(pequeno produtor de Sorocaba de Dentro).

"Gosto de futebol, *Jornal Nacional*. À noite, das 7 às 9 horas vejo televisão; repórter, às vezes assisto novela um pouquinho, *Elas por Elas*, *Sétimo Sentido*, s^o enquanto descansa o jantar, para depois deitar".
(médico produtor de Sorocaba de Dentro).

"À noite assisto televisão a partir das seis e meia. *Jornal Noticentro* no canal 6, jornal das oito horas no canal 12, filmes. Não gosto muito de novelas não. A gente assiste mas não guarda porque não entende certas partes na novela, porque às vezes a gente não 'assunta', sai e vai olhar as coisas por fora ou conversa. Escutando jornal a gente tá sabendo as coisas que acontecem pelo mundo agora, às vezes a gente até fica impressionado, com d^o das coisas ruins que acontecem, avião cair e matar gente...".
(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"À noite ligo a televisão às sete e meia e assisto o *Jornal Nacional*, o meu preferido, a novela *Sétimo Sentido*, o Bem-Amado. Novela a gente assiste por assistir. O repórter eu 'perco tempo' para assistir, é muito bem explicado, com muitas reportagens. O Bem-Amado pelo menos é gozação em cima do que os 'homens' fazem. Já fui muito de

assistir novelas, mas agora não assisto porque a gente começa a perder horas de serviço".

(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"Ao meio-dia não ligo televisão. Televisão só à noite, o repórter, um joguinho, até às nove e meia. Novelas às vezes. Novela é uma distração, um passa-tempo, eu gosto sim".

(médio produtor de Fazenda de Fora).

Domingo geralmente é um dia livre para o homem da roça. Nesse dia ele acorda mais tarde e divide seu tempo entre a missa, o futebol no campinho da comunidade, os jogos de bocha e a televisão, como principal alternativa de lazer. O programa Sílvia Santos, na TV Cultura, durante todo dia, o futebol, na parte da tarde, os programas agrícolas Globo Rural e Campo e Lavoura, na TV Catarinense, são os mais assistidos.

"Aos domingos assisto Globo Rural, missa também gosto de escutar, Campo e Lavoura e o programa Rolando Boldrin. À tarde futebol e às vezes Sílvia Santos".

(pequeno produtor de Sorocaba de Dentro).

"Aos domingos assisto Sílvia Santos, sô esse. O jogo da Copa esse sim eu escutava pela televisão, parava o serviço que fosse".

(médio produtor de Fazenda de Fora).

"Domingo eu assisto Globo Rural, Campo e Lavoura às vezes. Gosto do Globo Rural porque vejo passar o tipo de lavoura e o tipo de doença que tem na lavoura".

(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"Aos domingos Campo e Lavoura, Globo Rural às vezes, Som Brasil. Campo e Lavoura eu gosto. Agora estou assistindo Balança Mais não Cai e Praça da Alegria. Eu gosto desses programas porque na gozação eles dizem o que é verdade dos 'homens'".

(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

As mulheres normalmente começam a assistir televisão mais cedo à noite, a partir das seis horas, enquanto preparam o jantar para o marido e os filhos que vão chegar da roça. E as novelas estão em primeiro lugar: Paraíso, Elas por Elas, Sétimo Sentido, na TV Catarinense e A Leoa e Os Ricos Também Choram, na TV Cultura, todas têm a audiência garantida. Os programas jornalísticos vêm em segundo lugar e são sempre

os assistidos pelo marido (ao meio-dia e à noite) que determina, em função da sua vontade, o canal e os programas que todos terão que assistir. Aos domingos a missa na televisão e o programa Sílvio Santos são para a maioria das mulheres os únicos passa-tempos, já que elas não vão aos jogos de bocha e nem de futebol.

"Ao meio-dia assisto televisão, o repórter no canal 12 (Jornal do Almoço). À tarde sô costuro. À noite, a partir das seis horas, ligo a televisão e vai até às 9 ou 10 horas. Assisto as novelas Paraíso, Elas por Elas, Sétimo Sentido".

(esposa de pequeno produtor de Sorocaba de Dentro).

"À noite, a partir das seis horas, ligo a televisão para ver as novelas Elas por Elas e Sétimo Sentido, o repórter também. A gente gosta de ver as conversas delas, o que elas fazem e sempre fica um restinho para o outro dia. É uma tolice da gente, mas é um passa-tempo, né!!".

(esposa de médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Jornal Nacional, às vezes assisto novelas, Sílvio Santos ... Gosto de tudo, mas não tenho tempo. Ao meio-dia sô ligo a televisão, o Repórter no canal 6. À noite televisão, repórter no canal 12 e a novela A Leoa".

(esposa de pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"Sétimo Sentido, Elas por Elas, Paraíso, no canal 12; Os Ricos Também Choram e missa aos domingos, no canal 6. Sílvio Santos. As novelas gosto mais para ver o final, a novela da mais vontade, é mais... A gente acostuma com as pessoas da novela e se dá melhor, o filme é só um dia, depois muda. Ao meio-dia ligo a televisão para assistir o jornal junto com a turma. À tarde cuido dos pintos, lavo a roupa, faço trato para as crianças. À noite ligo a televisão às seis horas para assistir uma novelinha, Paraíso, Elas por Elas, Sétimo Sentido. Tem uma novela no canal 6 que ele (o marido) não deixa mais eu assistir porque ele quer ver o jornal no canal 12. Quando ele não está eu assisto Os Ricos Também Choram. Agora mudou o horário e eu não pude mais assistir, tem que perder uma para assistir a outra. Aos domingos assisto Sílvio Santos Os Trapalhões, do Fantástico eu não gosto porque não faz o tipo da gente para assistir, coisas de acidente eu não gosto de ver".

(esposa de pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"Às 19 horas ligo a televisão e assisto Os Ricos Também Choram e a novela do canal 12, aquela em que a mulher tem visão do que vai acontecer algumas vezes. Domingo ã tar de assisto Silvio Santos. De manhã assisto o Globo Rural, mas não todos os domingos, quando eu tenho tempo escuto, mas sempre chega visita, então, a gente não liga a televisão para não atrapalhar".

(esposa de médio produtor de Fazenda de Fora).

"À noite assisto Sêtimo Sentido e nos intervalos jà vou lavando a louça. Aos domingos o meu marido gosta de assistir o Globo Rural e, às 10 horas, Silvio Santos. Esse domingo ninguém assistiu o Globo Rural porque queríamos ir a Biguaçu. Eu sou muito curiosa, a gente quer ver o fim da novela, com quem a Luana vai ficar, se ê com o Tião Bento ou... Se algum dia eu não posso assistir fico com uma pena!!".

(esposa de pequeno produtor de Fazenda de Fora).

A lembrança que os homens têm dos programas de televisão assistidos no dia anterior ê também diferenciada da lembrança que as mulheres têm. Eles quase sempre lembram de alguma notícia vista no jornal. Elas lembram de algum capítulo de novela.

"Eu assisti ontem no Jornal Nacional o motim na penitenciária do Rio".

(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"Eu me lembro que o Osmani escapou da cadeia de novo. Ele disse que saiu porque não dava para tomar banho lá...".

(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"Assisti as duas novelas ontem, das seis e das sete. A das sete aconteceu que chegou o Mário Fofoca na casa da Mãrcia sem que ela estivesse esperando".

(esposa de pequeno produtor de Sorocaba de Dentro).

"Maria, a filha da Leoa, matou o Rogério Costa que seqües trou ela...".

(esposa de pequeno produtor de Fazenda de Fora).

Os jovens, além de jà estarem incluídos na divisão anterior, têm algumas particularidades com relação a programação da televi-

são, ou seja, assistem programas que seus pais não costumam assistir.

"Assisto novelas, filmes, Sílvia Santos, desfile de moda, jornal eu não gosto não. Novelas acho interessante, gosto do casal que vive bem e tem filhos. Gosto de filmes de revólver porque é mais movimentado. Desfile de moda eu gosto para ver os modelos das roupas, quase todas faço de pois. Eu acho muito chato jornal, bate papo, bate e nunca sai nada. Assisto novela todo dia".

(filha de médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Na televisão assisto Sílvia Santos, Almoço com as Estrelas (sábado, na TV Cultura), Elas por Elas e Sétimo Sentido. Sílvia Santos é porque ele apresenta alguns programas que instrui a pessoa. Almoço com as Estrelas porque a gente conhece os cantores e fica por dentro das músicas atuais. E as novelas nem sei porque, eu acho que é distração, divertimento".

(filha de médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Assisto Elas por Elas, Sétimo Sentido, Paraíso, As Três Marias (novela reprise, às 14 horas, na TV Catarinense), Globo de Ouro (programa musical, à noite, na TV Catarinense), Fantástico e Chacrinha. Fantástico gosto porque tem mais coisas, vejo todas as notícias do mundo. Novelas a gente gosta, né?!".

(filha de médio produtor de Fazenda de Fora).

4.3.2. Programas Jornalísticos

Esses programas têm a preferência dos homens. Mas, tanto homens como mulheres vêm neles uma maneira de se informarem, já que o acesso a outros meios de informação é muito difícil.

"Noticentro é uma coisa boa, é um programa espetacular. A gente vê as notícias do Brasil inteiro, cada semana é um estado. É tudo verdade, não é fábula não".
(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Gosto do repórter (Jornal Nacional) porque quero saber das novidades, o preço da carne quando sobe".
(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Não gosto de novela, é tudo mentira aquilo, é uma besteira, acho uma tolice. O repórter não, a gente fica sabendo das novidades, do que está acontecendo...".
(esposa de médio produtor de Sorocaba de Dentro).

E a informação que interessa a muitos, nesse ano de eleições, é, sem dúvida nenhuma, as relacionadas com o processo político eleitoral.

"Gosto do jornal (Jornal Nacional) porque sai alguma novidade. As pesquisas dos candidatos que estão ganhando, que estão perdendo, mas é tudo mentira aquilo. Eu quero que o oposição ganhe, já faz 18 anos que a mesma escola está lá governando".
(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Assisto o Jornal do Almoço para ver as notícias, o que está acontecendo dentro do Estado. E agora, com a política, eu gosto de ver aquela parte do Moacir Pereira, o comentário dele".
(pequeno produtor de Sorocaba de Dentro).

4.3.3. Novelas

As novelas são a principal alternativa de lazer para a grande maioria das mulheres que, muitas vezes, chegam a se familiarizar com os personagens, introduzindo-os no seu cotidiano.

"Eu acho tão legal aquela turma da novela! A gente esquece o problema que a gente tem, até uma dor. A gente tá vendo aquilo ali e até esquece o resto. A novela das seis tá boa, né? Tô doida que chegue seis horas para ver de novo".

(esposa de pequeno produtor de Sorocaba de Dentro).

"Eu gosto das novelas por causa que a gente é acostumado com a turminha da novela e gosta de acompanhar para ver o fim. A gente acostuma com as pessoas da novela e se dá melhor; o filme é só num dia, depois muda".

(esposa de pequeno produtor de Fazenda de Fora).

Mas, tanto em mulheres como em homens o assunto novela traz à tona os valores morais do homem da roça, que são sempre os valores estabelecidos pela moral da família nuclear monogâmica. Portanto, os modelos de identidade buscados nas novelas são sempre encontrados nos personagens que possuem essencialmente valores como fidelidade, lealdade, honestidade, etc.

"Gosto da Mariana e q filho. Porque tudo que ela faz é um papel bem feito. O marido dela também eu gosto, o Alberto é um homem na lei, não diz bobagem, faz tudo certo".

(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Na Leoa gosto da Eva, ela é morena, alta, olhos castanhos, cabelos crespos; porque ela faz um papel legal, é dona de um clube e ajuda todo mundo, mas diz que foi outra pessoa. Em Os Ricos Também Choram gosto da Mariana, porque faz um papel legal, é compreensiva".

(filha de médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"É da Ieda, a feia. Mas não é tão feia como eles dizem. Eu gosto porque ela não é orgulhosa, é uma menina parada e não se abria porque era feia. Ela não é invejosa, perdeu o medo e confiou mais no rapaz".

(esposa de médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Eu gosto da Mariana. Ela é morena, faz um papel bonito, tem namorado, ela vai casar".

(filha de pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"Do Renê. Porque ele é advogado bom, mas só porque tá na televisão, porque advogado fora da televisão é só para roubar".

(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Da Mariana, né! Ela é tão querida na novela, eu adoro ela. O trabalho dela é só fazer o bem, ela não trai ninguém. Tem uns que fazem o mal, mas eles fazem aquilo por que é o papel deles na novela, é tudo bobagem, mentira. Pois é, mas a gente gosta, parece uma verdade".

(esposa de médio produtor de Fazenda de Fora).

"Eu gostava muito do Tião Bento, da Luana e da menininha da Luana. Quando a menina via o Tião Bento ela respeitava ele como pai e o Tião gostava da Luana".

(esposa de pequeno produtor de Fazenda de Fora).

Ou mesmo os personagens mais trapalhões que, afinal, são divertidos e não estão colocando em questão os tais valores.

"Do Mário. Por causa das besteiradas dele, para a gente rir".

(esposa de pequeno produtor de Sorocaba de Dentro).

"Gosto do Mário. Eu acho ele tão engraçado, ele tá sempre pronto para responder, muito agradável, muito conversador".

(esposa de médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Gosto de ver o Mário, porque é palhaço".

(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

O casamento é tido como um procedimento natural, definitivo e de grande valor. Por isso, jamais é questionado, sequer em pensamento. Logo, a pergunta "que você acha dos divórcios nas novelas?" despertou os mais diversos comentários. Alguns acusando os divórcios nas novelas de mau exemplo, outros afirmando que o perigo está na cabeça das pessoas. Neste caso, as pessoas apontadas como possuidoras de "boa cabeça" eram aquelas que se comportavam de acordo com os valores tradicionais.

"Horrível. Isso não deveria passar na televisão. Aquilo

é negócio de vagabundagem. Se fosse novelas iguais aquelas que eu falei, tudo bem, até as crianças podem ver, ler e escrever, como diz o outro. As outras não, a filha chega a casar com o próprio pai só porque desconhece. Novela é mentira, mas essa da Mariana é verdade, acontece com muitas pessoas".

(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Eu acho errado na novela é isso. Para certos casais isso é uma perdição. Esse negócio de sair com o marido da outra me revolta, mas eu gosto de ver para ver o que é que dá".

(esposa de médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"O melhor que tem é o namôro. Os divórcios eu não concordo porque as pessoas vêm eles se separando e acham que têm que fazer igual".

(filha de médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Não acho nada bom aquilo. Eu acredito que certos casais que já não se enquadram bem, a mulher vendo aquilo ali faz também, muitas acham que está certo".

(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"As novelas são aquela coisa, mulher deixando marido, beijos, agarrão, dá até mal exemplo para as mulheres. Eu acho uma coisa muito ridícula mulher e homem se beijando se a mulher é de outro. Dá até nojo, não gosto. Isso é mal exemplo para as mulheres, querem fazer igual, não querem fazer mais as coisas, não querem aturar mais o marido. Eu acho que a mulher não deveria assistir novela".

(esposa de médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Essa é uma pergunta boa. Eu acho em certos pontos uma instrução e em certos pontos uma destruição. Instrução quando explica de onde vem o divórcio e porquê. Destruição, quando fabricam o divórcio, não é para acontecer e eles forçam. Depende de cada um, para mim não é mal exemplo porque eu sei o que estou querendo daquilo ali. Eu acho que a mulher tem aquele hábito de ver novela e quando perde um capítulo perde a vida. Isso depende da cabeça. Novela também dá muita instrução, o cara entendendo, tudo bem. Se o cara não entende fica mal".

(pequeno produtor de Sorocaba de Dentro).

"Eu digo que faz mal para as pessoas que estão assistindo, eu acho que não deveria ter. Aquilo não é verdade, mas os outros estão vendo e com aquilo já começam a pensar. Algum que já não gosta da mulher ou que a mulher não gosta do marido vira a pensar e faz".

(esposa de pequeno produtor de Sorocaba de Dentro).

"Eu acho uma bobajada porque é mentira. Eu acho que as pessoas não vão fazer. Alguns fazem. Por aqui na nossa comunidade não, mas na cidade tem algum que imita, né?".

(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Eu sou contra porque eu acho que não deve ser certo. A gente tem que fazer certo para viver, aquelas pessoas qualquer coisinha já fazem o divórcio. E é mal exemplo para certos casais que não vivem bem, então, eles dizem: vamos fazer o divórcio, existe. Eu sou contra, a igreja também é contra".

(esposa de médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Tudo comum, né? A gente já está acostumada a ver um moço chegar perto de uma moça e já se abraçarem, se beijarem, mal se conhecem. Aquele que tem boa cabeça não faz. Se nós casadas for fazer aquilo que eles fazem, ninguém vive com o marido. É errado para quem tem cabeça meio ruim".

(esposa de pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"Acho ruim porque é melhor casar e viver bem. Eu acho que não é mal exemplo, porque quem tem cabeça boa não faz".

(filha de pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"Gosto de novela. Tem gente que diz que não presta, mas a gente gosta e também não vai fazer igual, né?! Às vezes dá uma emoção tão forte, até parece que é verdade. Tem muitas coisas que a gente nota que é um exemplo para a gente, quem não sabe de nada aprende com as novelas. Tem muita gente que acha que é mal exemplo, eu já não acho. Se a pessoa tem boa cabeça não vai nessas coisas, né?".

(esposa de médio produtor de Fazenda de Fora).

"Eu acho que aquilo é um mal exemplo que dão para a família em casa. Decerto não vão fazer igual, mas sempre é um exemplo".

(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"Aquilo é chato, é mal exemplo para as crianças e para as moças, para adultos também, todos, né?"

(médio produtor de Fazenda de Fora).

"Para os adultos acho que quem tem idéia boa não faz aqui lo, o adulto que tem idéia boa sabe o que tá certo e o que tá errado".

(esposa de pequeno produtor de Fazenda de Fora).

E, entre tantos comentários diversos até os personagens das novelas se confundem com a vida real dos artistas que os interpretam.

"Eu acho que eles não estão fazendo nada a mais que a própria vida dos artistas, que é aquilo ali mesmo. Eu acho que pra quem tem cabeça boa não existe mal exemplo. Quem nasce ruim se perde sozinho".

(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"A vida dos artistas é assim mesmo. Eu acho que não faz mal, no meu modo de pensar e olhar não pega nada".

(esposa de pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"Aquilo é passa-tempo, é o ganha-pão deles. Uma vez eu li numa revista que o filho da Eva Vilma perguntou para ela por que ela beijava outros; ela respondeu que aquilo era o trabalho dela. E é mesmo, aquilo não pega nada. Às vezes acaba se juntando mesmo".

(esposa de médio produtor de Fazenda de Fora).

4.3.4. Filmes

Os filmes na televisão raramente são assistidos pelo homem da roça que durante o dia está trabalhando e à noite, quando está em casa, quase nunca encontra disposição para ficar acordado até mais tarde. Ainda mais quando esse tempo extra que seria empregado para assistir um filme resultaria em nada para ele, acostumado a dividir muito bem o seu tempo face a quantidade de trabalho diário que tem que dar conta.

"Olha, filme eu quase não assisto, sempre passa em horas que a gente vai descansar".

(médio produtor de Fazenda de Fora).

"Filmes eu assisto pouco, fica fora do horário da gente. A gente tá em casa e tem que assistir o que está passando na televisão, não é como vocês que têm um horário e podem dizer: eu vou assistir aquele filme".

(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"É bom para passar o tempo. Não perco tempo, para mim é o repórter ou aqueles de domingo".

(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Ah, de filme eu não gosto, não topo. Porque aquilo é uma mentira mesmo, não tem valor nenhum para mim".

(esposa de pequeno produtor de Sorocaba de Dentro).

"Quase não assisto. Filme é um fantoche de americano que gosta muito de mandar filme para o Brasil, e quase todos os filmes são mandados por eles. Eu gosto de ver uma coisa verdadeira".

(pequeno produtor de Sorocaba de Dentro).

A violência nos filmes também é apontada como um motivo pelo qual muitos não assistem ou deixem de assistir certos filmes.

"Filmes eu nunca assisto nenhum. Acontece muita coisa, eu até tenho medo, até parece verdade aquelas coisas, tiros, gente caindo de cavalo...".

(esposa de médio produtor de Fazenda de Fora).

"Não assisto, é muito difícil. Eu gosto de filmes, mas tem uns que são chocantes, me ataca os nervos. Por isso eu deixei mais de assistir".

(esposa de médio produtor de Fazenda de Fora).

"Não gosto muito de filme não. Aquelles filmes de guerra, de luta corporal, de atirar, não gosto desses filmes".
(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

Os poucos que assistem de vez em quando se sentem atraídos pelos filmes de ação e aventuras, coisas que o homem da roça jamais encontra no seu cotidiano.

"Eu gostava de assistir filmes de carros correndo, batidas... Sei que é mentira, mas eu gosto".
(esposa de médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"O que eu gosto muito é daquele homem de seis milhões de dólares, a gente já gosta dele mesmo. Mas é um filme bacana, aquelas loucuras que eles fazem de carro".
(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"Eu gosto daquele que ele estava falando porque a gente assiste juntos. É aquele do homem biônico. Eu gosto de assistir sô para ver as loucuras. Um dia ele pulou de um avião para um prédio".
(esposa de pequeno produtor de Fazenda de Fora).

4.3.5. Programas de Auditório

Os programas Silvio Santos e Chacrinha foram os únicos mencionados. Todos conhecem os dois programas e muitos assistem regularmente. Porém, há algumas diferenças apontadas entre os dois, que fazem do programa Silvio Santos o preferido por muitos. Essas diferenças vão desde o conteúdo do programa, até o próprio aspecto moral, passando inclusive pelo comportamento do apresentador que, algumas vezes, adquire um conceito muito pessoal.

"Silvio Santos é muito bom, instrutivo e divertido; o programa dele é comercial para vender carne. O Chacrinha é um programa bom, mas perigoso devido a apresentação das moças quase nuas; apesar de que hoje se usa isso aí para atrair a turma".

(pequeno produtor de Sorocaba de Dentro).

"O Chacrinha é um caco, um palhaço. Quem é que escuta aquilo? Eu gostava antes, agora mudou, está diferente, eu não gosto mais. Eu notei que mudou faz um ano, um ano e pouco. Antes tinha um apito, agora ele só berra, mudou a conversa. Antigamente passava no 6, agora passa no 12. O Silvio Santos eu gosto porque o homem ensina as crianças, dá presente, dá dinheiro para quem precisa, dá casa, é bom, ele nunca ensina nada de mal. Pra mim nunca deu dinheiro, né?".

(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Silvio Santos eu acho bom. A gente gosta muito do feito dele, um homem agradável, sabe conversar bem, sabe agradecer as pessoas. Não gosto do Chacrinha, o jeito dele. Eu acho que a conversa dele é uma conversa bonita, o programa é muito simples".

(esposa de médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Ah, do Silvio Santos eu gosto muito, aqueles presentes que ele dá para as pessoas, ele é muito bondoso. O domínio que eu não vejo 'Qual é a Música', para mim não é do mingo. Eu adoro o Silvio Santos, 'Namôro na TV' também gosto muito. Chacrinha eu não gosto, aquelas moças quase nuas e ele muito gritador lá no meio, aquilo eu não gosto. Só quando tem cantores, daí eu gosto".

(esposa de médio produtor de Fazenda de Fora).

Mas, tanto Sílvia Santos como Chacrinha são programas que servem para animar e divertir o fim-de-semana daqueles que escolheram a televisão como alternativa de lazer. E muitos vêm principalmente no programa Sílvia Santos uma alternativa de lazer também para as crianças.

"Alegria muito as crianças, as mulheres e o povo em geral. Sempre é divertimento. Os dois programas são agradáveis, não?"

(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"Eu acho bacana o programa do Sílvia Santos para as crianças. Tanto para aquelas que estão lá como para as que assistem em casa".

(esposa de pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"Eu assistia muito o Sílvia Santos e o Chacrinha. Gosto porque eles animam a gurisada".

(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"O Sílvia Santos eu assisto porque ele incentiva muito as crianças e a gente também. O 'Namoro na TV' e o sorteio dos carros, os cantores e a Araci de Almeida buzinando na cara deles... O Chacrinha faz muito tempo que não assiste, tem coisas boas, as músicas, ele é muito engraçado".

(esposa de pequeno produtor de Fazenda de Fora).

4.3.6. Propagandas

As propagandas na televisão são apreciadas sob vários aspectos. A maioria se prende ao aspecto visual da propaganda, se ela é bonita, se o artista trabalha bem. As perguntas feitas foram: se eles gostam de alguma propaganda e se lembram de alguma propaganda.

"Aquele das lojas de móveis Gerber; aquela do Koerich que mostra a ponte de Florianópolis, muito bonita aquela".
(esposa de médio produtor de Fazenda de Fora).

"Aquele da loja Alfred eu gosto, tem uns bonequinhos que rodam".
(esposa de pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"Essas das crianças eu gosto de ver. Tem uma de brincadeiras, das bonequinhos, mas eu não guardo o nome da loja, da propaganda".
(esposa de médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Aquele propaganda da Bómbri, acho o jeito dele muito bom na propaganda. O cara tem muito jeito. Esse ano acho que vai ganhar o prêmio. Eles estão fazendo um concurso de propaganda, não é?".
(pequeno produtor de Sorocaba de Dentro).

Outros gravam as propagandas que se identificam com o seu trabalho e a sua vida na roça.

"Aquele do trator no domingo eu gosto muito".
(esposa de pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"Coisa triste a gente não esquece. A propaganda mais desajeitada que tem é aquela do colono, no domingo. Eles botam um palhaço com a enxada nas costas".
(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

E poucos analisam as propagandas sob o seu aspecto comercial, ou seja, que as propagandas estão tentando convencê-los a comprar coisas que, muitas vezes, não estão ao alcance do seu poder aquisitivo.

"Gosto de propagandas de trator, de máquinas... É bom, mas a gente não pode comprar tudo, sofre um pouco, né?".
(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"O Koerich é uma propaganda boa, fala sobre os descontos, o que eles vendem, aquelas moças bonitas, pernas bonitas. Então, a gente vê e às vezes quando chega lá não é bem 'assim'".

(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

Os jovens, além de se prenderem somente no visual da propaganda, guardam aquelas que se identificam com eles e com os seus sonhos que, por um lado, representam o desejo de adquirir o produto e, por outro, o de viver a própria história da propaganda.

"Gosto da propaganda do tênis Montreal e da calça US TOP. A do tênis Montreal o rapaz anda em cima da mesa e vai quebrando tudo, daí o rapaz encara a guria e ela encara ele. A da calça US TOP a guria passa em cima de um carro e vai cantar, depois ele dá uma carona para ela".

(filha de médio produtor de Sorocaba de Dentro).

4.4. Os Programas Destinados ao Homem do Campo

4.4.1. Descrição dos Programas

4.4.1.1. O Programa Campo e Lavoura

O programa vai ao ar todos os domingos às 9 horas pela TV Catarinense. A produção do programa fica a cargo da ACARESC e da TV Catarinense que fornece os equipamentos e o pessoal técnico.

Durante o período em que foi assistido, de 05/09/82 a 31/10/82, o programa tinha a seguinte estrutura de apresentação: no primeiro seguimento o resumo das principais notícias que serão tratadas durante o programa; no segundo, uma grande reportagem; no terceiro seguimento pequenas notícias e informes sobre o preço dos produtos, exposições, encontros, enfim, a agenda da semana; o quarto seguimento era destinado ao comentário da semana que enfocava o assunto de maior relevância no meio agrícola; o quinto seguimento trazia mais uma grande reportagem. Todas as reportagens e pequenas notícias eram tratadas com demonstrações em campo, entrevistas com produtores, técnicos agrícolas e agrônomos.

Entre as reportagens apresentadas no programa no período em que foi assistido, algumas se destacaram pela ampla abordagem, pela sua relação com o tipo de cultura da região de Biguaçu ou mesmo pela sua repetição durante esse período.

No dia 05/09/82 o programa apresentou uma reportagem sobre a cunicultura (cultura de coelhos) em pequenas propriedades. Em Biguaçu há vários criadores de coelhos.

No dia 19/09/82 uma grande reportagem sobre a safra da cebola em Ituporanga ocupou grande espaço no programa. Neste mesmo dia duas notícias menores tiveram destaque: uma sobre hortas caseiras no Centro de Treinamento da ACARESC e outra sobre os baixos preços para a vicultores integrados.

No dia 17/10/82 uma nova reportagem sobre a cebola em Ituporanga vai ao ar. Desta vez, porém, mais resumida e, novamente, trazendo entrevistas com produtores, técnicos e agrônomos.

No dia 24/10/82 a Cooperativa Litorânea Ltda de Biguaçu anuncia que vai comercializar a produção de café da região da grande Florianópolis.

São poucas as propagandas de natureza agrícola nos intervalos do programa: sobre o crédito rural do Ministério da Agricultura, sobre a telefonia rural da TELESC, adubos Trevo e herbicida Surcopur da Bayer. Todas as pequenas notícias e grandes reportagens são ilustradas com muitas imagens referentes ao assunto e músicas sertanejas.

4.4.1.2. O Programa Globo Rural

Durante o período em que foi assistido, de 09/08/82 a 31/10/82, o programa foi ao ar às 10 horas, todos os domingos, pela TV Catarinense. O programa é produzido pela Rede Globo e tem uma estrutura de apresentação bem caracterizada. No início são feitas pequenas chamadas das notícias que serão apresentadas no decorrer do programa. O segundo seguimento traz uma grande reportagem. Nos quatro seguintes são dados informes sobre os preços dos produtos, congressos, seminários, encontros, cursos e exposições que se realizaram ou que se realizarão durante a semana. A Sessão de Cartas ocupa um desses quatro seguimentos e tem grande repercussão no meio rural devido aos assuntos tratados. São informações solicitadas através de cartas e estão muito mais próximas das condições materiais dos pequenos e médios produtores da região de Biguaçu. Outras reportagens são apresentadas, pequenas e grandes, e um comentarista faz o comentário da semana.

Muitas reportagens foram apresentadas durante esse período e a maioria delas tratava de assuntos não ligados ao tipo de cultura encontrada na região da grande Florianópolis. Uma reportagem apresentada no programa e que teve repercussão entre alguns produtores de Biguaçu foi a do gado Tabapuã, no dia 29/08/82. A matéria foi amplamente abordada com muitas entrevistas em diversas fazendas onde os produtores falavam animados das vantagens em se criar o tal gado.

Uma outra característica do programa é a apresentação de endereços a cada final de reportagem. Os endereços são de institutos de pesquisas, associações e do próprio programa para informações aos interessados. As demonstrações também são feitas, em grande parte, nos institutos de pesquisas.

As propagandas nos intervalos do programa são todas de produtos ligados à agricultura. Nesse período, os intervalos comerciais foram ocupados por vários produtos: adubos Manah, vermicida Neguvon, sementes Agroceres, vermicida Rintal, botas Vulcabras, galpões pré-moldados Cavan, herbicida Gramoxone, máquinas Nogueira, carrapaticida Bayticol, crédito rural do Ministério da Agricultura. Desses comerciais, alguns permaneceram durante todo o período em que o programa foi assistido, outros deram lugar a novos.

Tanto no programa como nos comerciais há grande utilização de imagens que retratam a vida diária do homem do campo e de músicas sertanejas.

4.4.2. A Percepção dos Programas

Nem todos os produtores assistem os programas e os que assistem não o fazem com regularidade. Mas, todos já viram pelo menos uma vez e alguns, os que assistem de vez em quando, ainda recordam reportagens apresentadas nos programas.

"Assisto o Globo Rural, mas é difícil. Achei bonita uma reportagem sobre o gado Tabapuã, não sei se vale a pena. Deu vontade de criar".

(médio produtor de Fazenda de Fora).

"Esses dias eu vi e gostei muito da plantação de milho e falei para a mulher que vou comprar um terreno perto para plantar sô milho. Do jeito que eles disseram, plantando na técnica, dá para tirar mais do que o arroz porque dá para fazer duas safras. Mas o arroz também tá bom, foi o que me levantou, sô que dá mais trabalho que o milho".

(médio produtor de Fazenda de Fora).

"Vi uma reportagem sobre búfalos em Lages (no programa Campo e Lavoura). Estavam deixando o gado comum e criando búfalos. Se tivesse pasto grande eu criava, porque do jeito que eles disseram dava mais lucro mesmo".

(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"Gado Tabapuã, assisti e gostei. Não criamos por não ter espaço e o clima não é adequado. Não interessa fazer, mas sô assistir. É importante ver, a gente sempre pega alguma coisa".

(pequeno produtor de Sorocaba de Dentro).

Como se vê, "não interessa fazer, mas sô assistir". E é precisamente nesse ponto que os programas chamam a atenção do homem da roça - a visão de seu trabalho. É nessa hora que o camponês se identifica com os programas, com as coisas que são habituais em sua vida profissional e que ele vive no dia-a-dia, "... os tratores andando, as plantas crescendo, igual na minha plantação, a gente gosta de ver tudo crescendo...".

"Andando na estrada e vendo os trabalhadores a gente aprende, com a televisão é a mesma coisa. Gostei dos programas porque a gente vê os tratores andando, as plantas crescendo, igual na minha plantação, a gente gosta de ver tudo

crescendo. Qual é o agricultor que não gosta de ver as plantas crescendo?"

(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Eu gosto de ver tudo, as folhas do milho, do feijão, apa rece tudo. Eu gosto de ver os programas porque a gente se criou toda vida nisso".

(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"É bonito de ver aquilo. Fica bom da gente ver, a gente fica mais animada. Estão mostrando como é o serviço da gente, dão importância para o colono da roça".

(esposa de médio produtor de Sorocaba de Dentro).

Daí, o que leva muitos a se sentirem valorizados na tele visão. Exatamente por causa dos programas, únicos a mostrarem as suas coisas e o seu trabalho diário. Valorização que efetivamente eles não sentem na prática.

"O homem do campo é muito pouco valorizado. São nos programas de domingo, aqueles que eu falei. Fora isso eles dão a mínima atenção. Se eles dessem valor para o homem do campo!!!".

(médio produtor de Fazenda de Fora).

"O homem do campo não tem direito a nada. Eles prometem e não dão nada. Globo Rural dá importância".

(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

"Eles dão importância verbalmente, na prática não é dado. Nos programas Globo Rural e Campo e Lavoura".

(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"De uns tempos pra cá ele tem sido lembrado no Globo Rural, mas deveria ser mais".

(pequeno produtor de Sorocaba de Dentro).

Nesse sentido, de se identificar com os programas e se sentir motivado e valorizado no seu trabalho, os programas são importantes para o homem da roça. Ou seja, a importância maior dos programas é do ponto de vista ideológico. Tanto isso é verdade, que de fato ninguém aplica nas suas práticas agrícolas aquilo que os programas propõem.

"São importantes, é uma escola. Eles mandam adubar com adubos industrializados, mas nós usamos esterco".

(médio produtor de Fazenda de Fora).

"Eu achei bom porque incentiva muito a gente. Coisas que a gente não sabe vai aprendendo ali. É bem importante que a gente fizesse não, mas fica como experiência".

(médio produtor de Fazenda de Fora).

"Eles dão muitas dicas boas. A gente acha que é verdade, que vai ser válido, embora não tenha feito ou comprando".
(ela).

"Um dia pode ter que aplicar..." (ele).

(casal pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"Sempre procuram transmitir alguma coisa de bom. Embora não se tire proveito, é bom saber".

(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"Pelo que eles instruem, se eu tivesse uma grande fazenda iria trabalhar como eles ensinam. Mas a gente é pequeno e gosta de apreciar para algum dia se poder fazer... Não uso o que eles ensinam, a técnica deles às vezes não casa com a nossa prática. Eu te falei que gosto muito de história; aquilo que eles estão passando é uma história verdadeira, isso é que é importante".

(pequeno produtor de Sorocaba de Dentro).

Na verdade, poucos vinculam claramente a impossibilidade da aplicação das inovações propostas nos programas às suas limitações econômico-financeiras que, às vezes, os levam a identificarem-se mais com o programa Campo e Lavoura.

"Tem partes no Globo Rural que serve para o pequeno, tem partes que só serve para o grande. O Campo e Lavoura serve mais para nós aqui".

(pequeno produtor de Sorocaba de Dentro).

"O Globo Rural é uma escola para quem é grande agricultor e trabalha com maquinário e para esses que pensam para o futuro. Para um da minha marca não dá, né? Só para os que trabalham com grande capital".

(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

Mas isso não significa que o produtor, no seu conjunto, não sinta suas limitações materiais, como muito bem retrata este último

depoimento. Essa consciência pouco racionalizada que se manifesta nas suas representações sobre o cotidiano pode ser notada nos depoimentos iniciais a cerca da lembrança de reportagens que se identificam com suas práticas agrícolas e que eventualmente podem interessar ao seu trabalho, ficando como experiência. Em resumo, não há para o camponês aspirações futuras totalmente desvinculadas de alguma possibilidade material.

"Gosto porque vejo passar o tipo de lavoura e o tipo de doença que tem na lavoura". (ele)

"Coisas que interessam para a gente". (ela)

"Porque dão notícias e eu guardo comigo. Às vezes não dá de aplicar, nê?". (ele)

"Eles dão muitas dicas boas. A gente acha que é verdade, que vai ser válido, embora não tenha feito ou comprando". (ela).

"Um dia pode ter que aplicar..." (ele)

(casal pequeno produtor de Fazenda de Fora)

"Eu penso em continuar aqui, arrumar a propriedade melhor e comprar um carro. Eu gosto daqui e não me dou com a vida da cidade". (pequeno produtor de Fazenda de Fora)

"Eu quero fazer uma cozinha e um banheiro de material. Estou pensando em fazer uma horta, em trabalhar na lavoura. Penso em pintar a casa, em comprar móveis".

(esposa de pequeno produtor de Fazenda de Fora)

(Capítulo II - O Futuro da Família).

"Assisto o Globo Rural, mas é difícil. Achei bonita uma reportagem sobre o gado Tabapuã, não sei se vale a pena. Deu vontade de criar".

(meio produtor de gado de Fazenda de Fora).

As propagandas nos intervalos dos programas, por sua vez, estão muito mais próximas das possibilidades econômico-financeiras do camponês. Uma vez que as propagandas anunciam produtos fundamentais ao seu trabalho e que necessariamente teriam que ser usados independente da marca, a escolha da marca, então, estaria algumas vezes ligada a influência da televisão, mas, sobretudo, às condições materiais do camponês.

"É importante (propagandas) porque daquilo nós fazemos par-

te. Já assisti propaganda e fui comprar remédio de carra
pato. Comprei porque vi na televisão, foi usado e deu re
sultado".

(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"As propagandas algumas são boas, algumas não servem pra
gente porque não vamos ter dinheiro pra comprar tudo aqui
lo".

(esposa de pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"Remédio para milho vi na televisão e comprei, achei bom.
Todo ano mudo de remédio, esse ano usei o Piragy, mas não
vi na televisão. É bom assistir propaganda, mas às vezes
os remédios não são bons, são caros".

(médio produtor de Sorocaba de Dentro).

CONCLUSÕES

1. Há uma constante relutância por parte dos camponeses em aceitar as inovações que lhes são apresentadas pela sociedade envolvente através do serviço de extensão rural da ACARESC e dos meios de comunicação em geral. Tanto é assim que, de fato, eles não aplicam as inovações propostas nos programas de televisão dirigidos ao homem do campo (Globo Rural e Campo e Lavoura) e os poucos que introduzem alguma inovação no seu trabalho são o fazem depois de muita demonstração por parte do serviço de extensão rural. Ou seja, é preciso constatar muito de perto os resultados da experiência para que esta possa ser aplicada, caso esteja ao alcance das condições materiais do camponês. Daí, a importância maior dos programas Globo Rural e Campo e Lavoura ser, para eles, do ponto de vista ideológico. Nos programas eles se sentem valorizados e motivados ao reconhecerem ali o seu cotidiano, o seu trabalho, enfim, a sua vida. Valorização que na verdade eles não sentem por parte do poder público.

2. Durante as conversas sobre os programas de televisão em geral, surgiram as categorias verdade e mentira como características de determinados programas que eles tinham muita dúvida em afirmar serem verdade ou mentira. No entanto, a dúvida se dissipava totalmente quando se referiam aos programas Globo Rural e Campo e Lavoura.

"O Globo Rural e Campo e Lavoura é verdade, porque eles fazem entrevistas com colonos".

(pequeno produtor de Fazenda de Fora).

"O Globo Rural é verdade. Eu penso que é mais verdade do que uma novela, um filme ou outra coisa. Porque o tipo de reportagem deles, mostrando as lavouras, os fertilizantes que devem ser usados, as cartas que as pessoas mandam pedindo orientação...".

(esposa de pequeno produtor de Fazenda de Fora).

Então, os programas são verdadeiros porque retratam as coisas que eles vivem no seu dia-a-dia e que eles reconhecem como sendo suas.

3. A partir desta última conclusão se poderia até estabelecer um raciocínio para esclarecer uma outra conclusão anterior: os camponeses não "sonham" com grandes investimentos porque toda e qualquer inovação tem que ser conhecida de muito perto, através de muita demons -

tração, para que seus resultados sejam admitidos como "verdadeiros". Associa-se a isso também as suas possibilidades materiais.

4. Os problemas da comunidade são apontados e explicados de maneira muito clara por todos eles (ver pág.39). Porém, as organizações existentes na comunidade (cooperativa e sindicato), que poderiam cumprir o seu papel de defesa dos interesses da categoria não são vistas por eles como instrumento de luta. Verifica-se, então, a necessidade de um trabalho de base, de incentivo à participação deles na cooperativa e no sindicato.

5. Nesse sentido, abre-se uma perspectiva para o uso da televisão no meio rural, ou seja, a televisão como motivadora da participação em organizações já existentes (cooperativa e sindicato) e como motivação para outros tipos de organizações comunitárias.

BIBLIOGRAFIA

- BORDENAVE, Juan Dias & CARVALHO, Horácio Martins de. Comunicação e planejamento. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Informações básicas - Biguaçu. Florianópolis, IBGE, 1981.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo demográfico; dados distritais - Santa Catarina. In: Recenseamento geral do Brasil - 1980, 9. Rio de Janeiro, 1982.
- MENDRAS, Henri. Sociedades camponesas. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- STANDARD, OGILVY & MATHER PUBLICIDADE. Coisas da roça: Um estudo sobre a televisão e a comunicação publicitária no meio rural. São Paulo, 1982.